

Territórios da Memória



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Territórios da memória [livro eletrônico] /
[organização Ramas Poéticas]. -- 1. ed. --
Florianópolis, SC : Ed. dos Autores, 2025.
PDF

Vários autores.

ISBN 978-65-01-68389-8

1. Artes plásticas - Exposições - Catálogos
2. Artes visuais 3. Cultura I. Ramas Poéticas.

25-300684.0

CDD-730

Índices para catálogo sistemático:

1. Artes plásticas 730

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

Territórios da Memória

| RAMAS POÉTICAS |

Apresentação Institucional

Museu Victor Meirelles

O Museu Victor Meirelles (MVM), unidade vinculada ao Instituto Brasileiro de Museus (Ibram/Minc), tem como missão estimular a reflexão e a experimentação no campo das artes visuais e do patrimônio cultural, por meio da preservação, pesquisa e difusão do patrimônio artístico de Victor Meirelles e de bens culturais relacionados. Localizado no Centro Histórico de Florianópolis, em Santa Catarina, o MVM ocupa a casa onde viveu o pintor Victor Meirelles de Lima (1832-1903), um dos nomes mais representativos da pintura acadêmica brasileira do século XIX. Tombado como Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, o edifício que abriga o museu constitui-se como um espaço de memória e, ao mesmo tempo, de diálogo permanente com a produção artística contemporânea.

A instituição, ao longo de sua trajetória, vem se consolidando como centro de referência, debate e formação em artes visuais, ampliando suas ações para além da preservação e difusão do legado de Victor Meirelles, e promovendo o encontro entre tradição e contemporaneidade. Nesse sentido, o museu mantém uma sala destinada às exposições temporárias, criada com o objetivo de dinamizar sua programação cultural, estimular a produção artística atual e fortalecer a interlocução com a comunidade. As convocatórias anuais para exposições reforçam essa vocação, abrindo espaço para projetos que dialogam com as questões do presente e contribuem para a circulação de diferentes linguagens artísticas.

Aberta a artistas e coletivos, brasileiros ou estrangeiros, maiores de 18 anos, a seleção prioriza propostas inéditas – das quais, no mínimo, dois terços das obras devem ser apresentadas pela primeira vez. A escolha dos projetos é realizada por uma comissão curatorial composta por profissionais de reconhecida atuação no campo das artes e por servidores do IBRAM/MVM, assegurando diversidade de olhares e critérios de qualidade. Entre os aspectos avaliados estão a adequação ao espaço expositivo, a originalidade e a qualidade técnica das propostas, bem como o compromisso com a inclusão e a diversidade, contemplando artistas negros, indígenas e quilombolas, abordagens voltadas a gênero, raça e etnia, iniciativas acessíveis a diferentes públicos e projetos direcionados ao público escolar e infantil.

Dessa forma, a convocatória reafirma a vocação do Museu Victor Meirelles como espaço de experimentação, escuta e circulação da arte contemporânea, estimulando a criação e a valorização de diferentes linguagens, narrativas e contextos sociais.

Uma das vencedoras da convocatória do ano de 2025, a mostra Territórios da Memória, exposição coletiva do grupo Ramas Poéticas, reúne artistas vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da UDESC, em diferentes etapas de formação e atuação. O projeto, originado no ambiente acadêmico, ultrapassa os limites da pesquisa universitária para afirmar-se como uma experiência poética e política, baseada em trocas horizontais e no encontro de afetos, práticas e reflexões.

Com Territórios da Memória, o Museu Victor Meirelles reafirma seu compromisso com a preservação do patrimônio cultural e com a promoção da arte contemporânea, reforçando sua vocação como espaço de encontro entre passado e presente, memória e criação, patrimônio e experimentação.

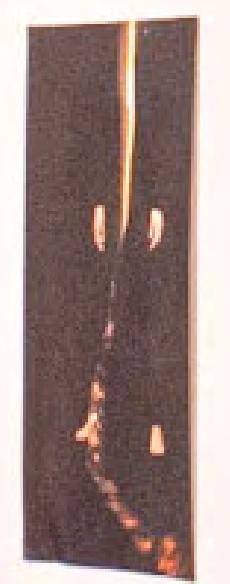
Texto curatorial

Silvana Macêdo

A exposição Territórios da Memória reúne trabalhos de artistas oriundas/os/es de diversas partes do território Latino Americano, desde Cuba ao Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul do Brasil, que refletem sobre as marcas desses lugares de origem na memória dos corpos que se deslocam por diferentes paisagens. Os trabalhos aqui apresentados concebem os territórios da memória, como espaços tanto internos como externos e intimamente entrelaçados, pois as experiências vividas se dão em contextos geopolíticos e sociais específicos. As produções de cunho autobiográfico desta exposição evidenciam questões de gênero, étnico-raciais, sexualidade, classe, migrações e regionalidade, a partir do Sul Global.

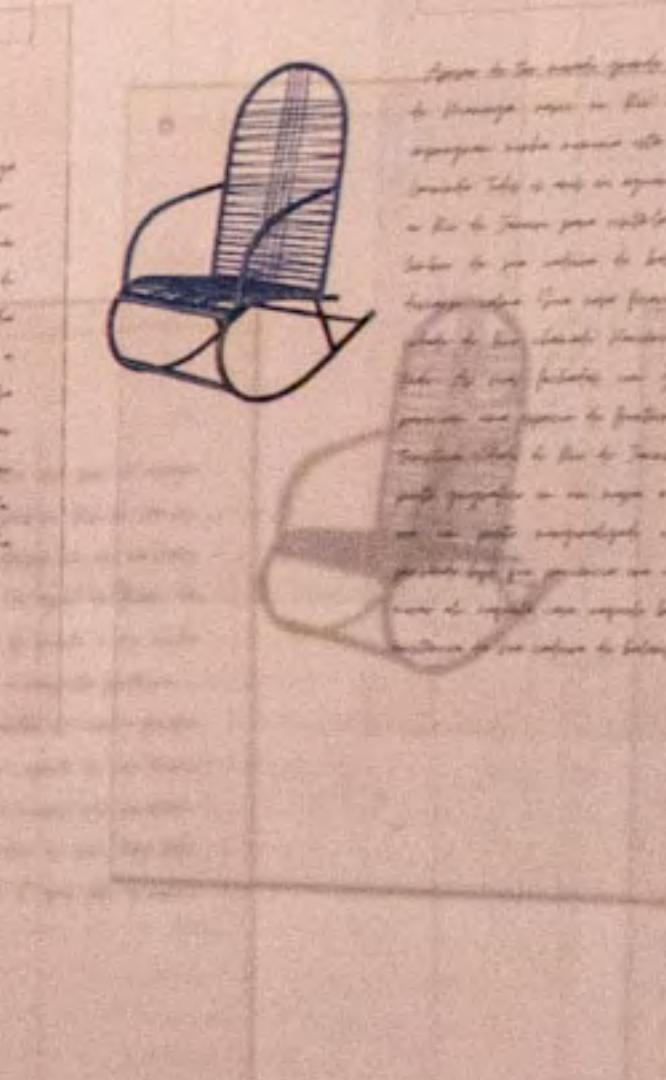
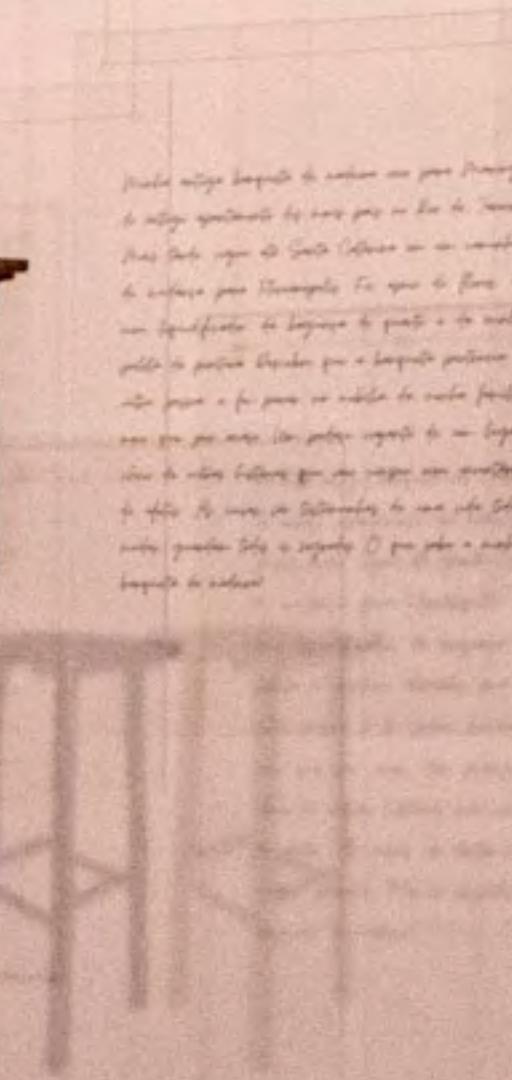
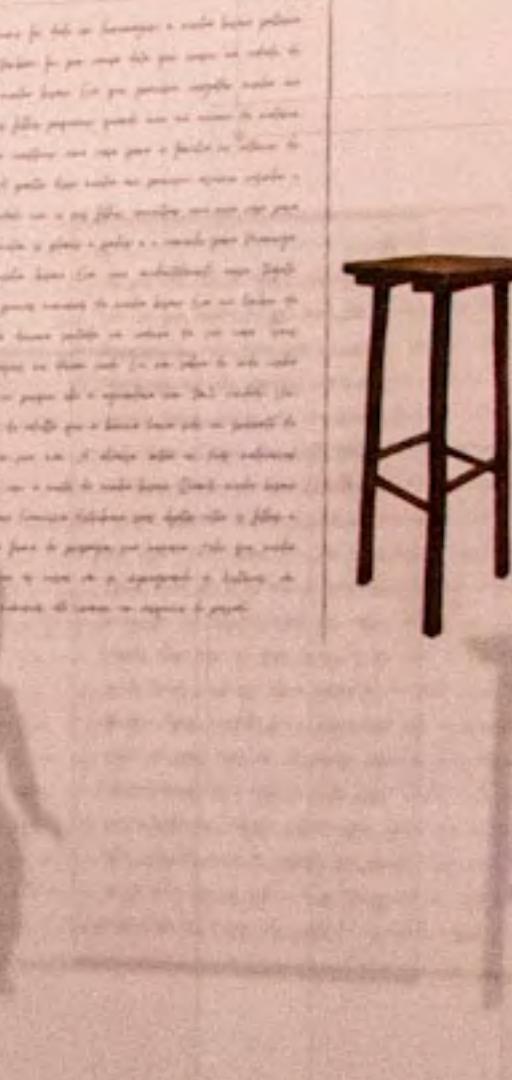
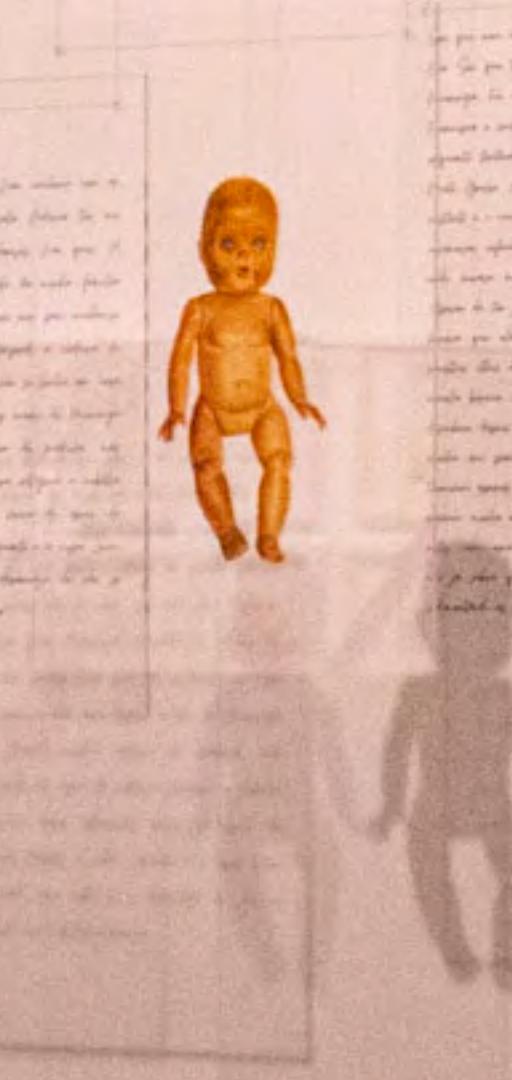
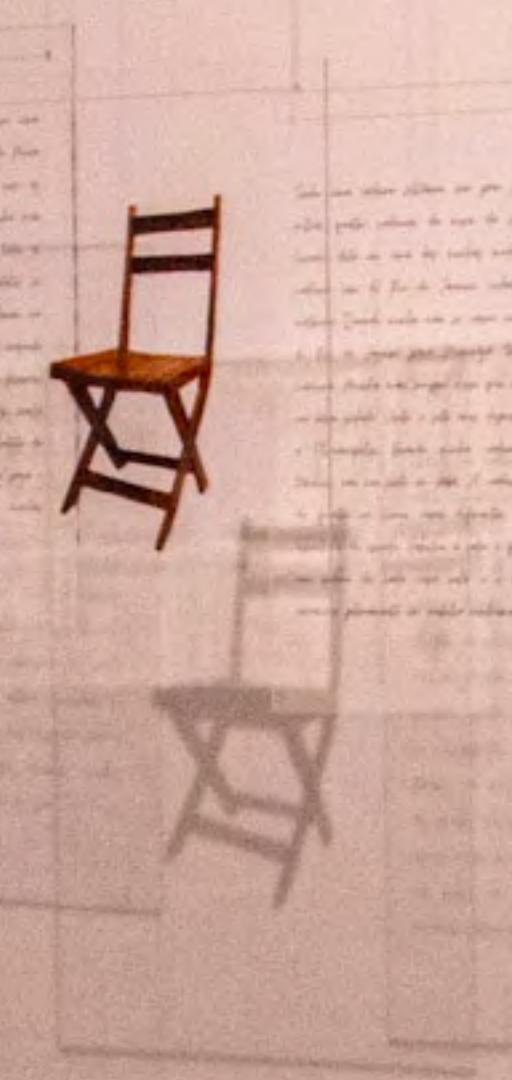
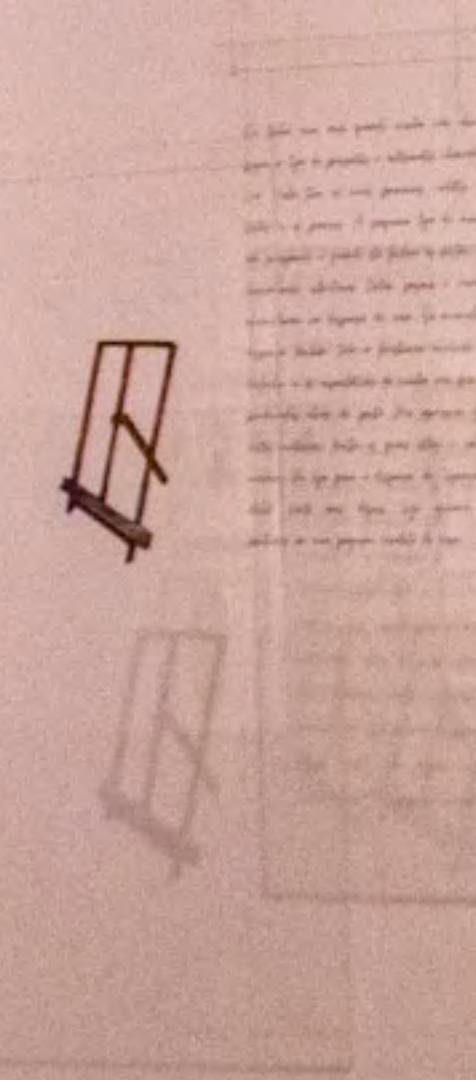
Entre arquivos fotográficos e livros de artista, pinturas, esculturas e ladrilhos, palavras, imagens e sons, bordados e vídeos, mergulhamos em narrativas íntimas encharcadas de outras vidas. Algumas artistas resgatam trajetórias de suas ancestrais por entre afetos ora rígidos e dolorosos, ora macios como tecidos de cetim, ou se escutando ao redor do fogo, dão corpo a histórias antes silenciadas. Outros congregam forças entre corpos que se transformam. A casa da memória é repleta de vidas, por entre cômodos vazios há tempos habitados. Panos de prato manchados de violências, a cena doméstica abarca corpos de mulheres que costuraram, criaram filhos e teceram mundos. Paredes de onde emergem peitos e dedos convidativos, brotam sons e sonhos do que se pode vir a ser. A casa é o corpo. A barriga a primeira casa, o coração o primeiro lar.

Em incursões nos vastos territórios da memória, as narrativas de vida ganham contornos revelando aquilo que não se pôde mostrar de outro jeito. Corpos que se deslocam para nossa casa maior, e abraçam campos e florestas num desejo de reatar vínculos com ancestralidades mais antigas e seus saberes. Relembrar nosso pertencimento com a grande rede da vida, é um ato de enfrentamento contra a monocultura do pensamento colonizador patriarcal racista. Essas são algumas das inquietações que nos movem como artistas do Grupo de Estudos Ramas Poéticas, vinculado ao Programa de Pós Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).











Territórios da Memória

COLETIVO RAMAS POÉTICAS:

ciber_org; Damiana Bregalda; Dalva França de Assis; Eva Alves Lacerda; Geórgia Mendes; Isabela Picheth; Kamile Hannah Freire; Lívia Auler; Mariurka Maturell Ruiz; Matheus Solar; Monique Burigo; Silvana Macêdo

CURADORIA:

Silvana Macêdo

Texto Curatorial

Esta mostra reúne trabalhos de artistas oriundas/os/es de diversas partes do território Ladino Américano, desde Cuba ao Nordeste, Centro-oeste, Sudeste e Sul do Brasil. As obras apresentadas concebem os territórios da memória como espaços tanto internos como externos e intimamente entrelaçados, pois as experiências vividas se dão em contextos geopolíticos e sociais específicos. As produções de cunho autobiográfico desta exposição evidenciam questões de gênero, étnico-raciais, sexualidade, classe, migrações e regionalidade, a partir do Sul Global.

Entre arquivos fotográficos e livros de artista, pinturas, esculturas e ladrilhos, palavras, imagens e sons, bordados e vídeos, mergulhamos em narrativas íntimas encharcadas de outras vidas. Algumas artistas resgatam trajetórias de suas ancestrais por entre afetos ora rígidos e dolorosos, ora macios como tecidos de cetim, ou se escutando ao redor do fogo, dão corpo a histórias antes silenciadas. Outros congregam forças entre corpos que se transformam. A casa da memória é repleta de vidas, por entre cômodos vazios há tempos habitados. Panos de prato manchados de violências, a cena doméstica abarca corpos de mulheres que costuraram, criaram filhos e teceram mundos. Das paredes emergem peitos e dedos convidativos, brotam sons e sonhos do que se pode vir a ser. A casa é o corpo. A barriga a primeira casa, o coração o primeiro lar.

Em incursões nos vastos territórios da memória, as narrativas de vida ganham contornos poéticos expandidos. Corpos que se deslocam, abraçam campos e florestas num desejo de reatar vínculos com ancestralidades mais antigas e seus saberes. Relembrar nosso pertencimento com a grande rede da vida é um ato de enfrentamento contra a monocultura do pensamento colonizador patriarcal racista. Essas são algumas das inquietações que nos movem como artistas do Grupo de Estudos Ramas Poéticas - Articulações Poéticas, vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (PPGAV) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC).



Araucária Angustifolia remanescensis

2021

Damiana Bregalda

Técnica: Sobreposição digital de fotografias. Impressão sobre papel Hanmühle Matt Fibre.

Dimensões: 42x60cm

Sinopse: A pesquisa para esta imagem acompanhou a transformação da paisagem onde viveram os avós da artista (em Paraí-RS) decorrente da venda da terra e de sua conversão de abrigo de múltiplas espécies a monocultura de soja. A araucária foi a única espécie preservada, por ser protegida por lei.





Mineração em colônias paraiensis

2021

Damiana Bregalda

Técnica: Sobreposição digital de fotografias.
Impressão sobre papel Hanhmühle Matt Fibre.

Dimensões: 42x60cm

Sinopse: Neste trabalho, como no anterior, uma imagem de corpo feminino é sobreposta à imagem de um território (aqui de extração de basalto - rocha ígnea eruptiva), evocando o processo histórico-capitalista e colonizador de exploração de corpos de mulheres e de territórios. As duas imagens são parte da série "Extrativismos".





Floema

2020

Damiana Bregalda

Técnica: Livro de artista

Dimensões: 14x22cm

Acesso: [Livro Florema](#)

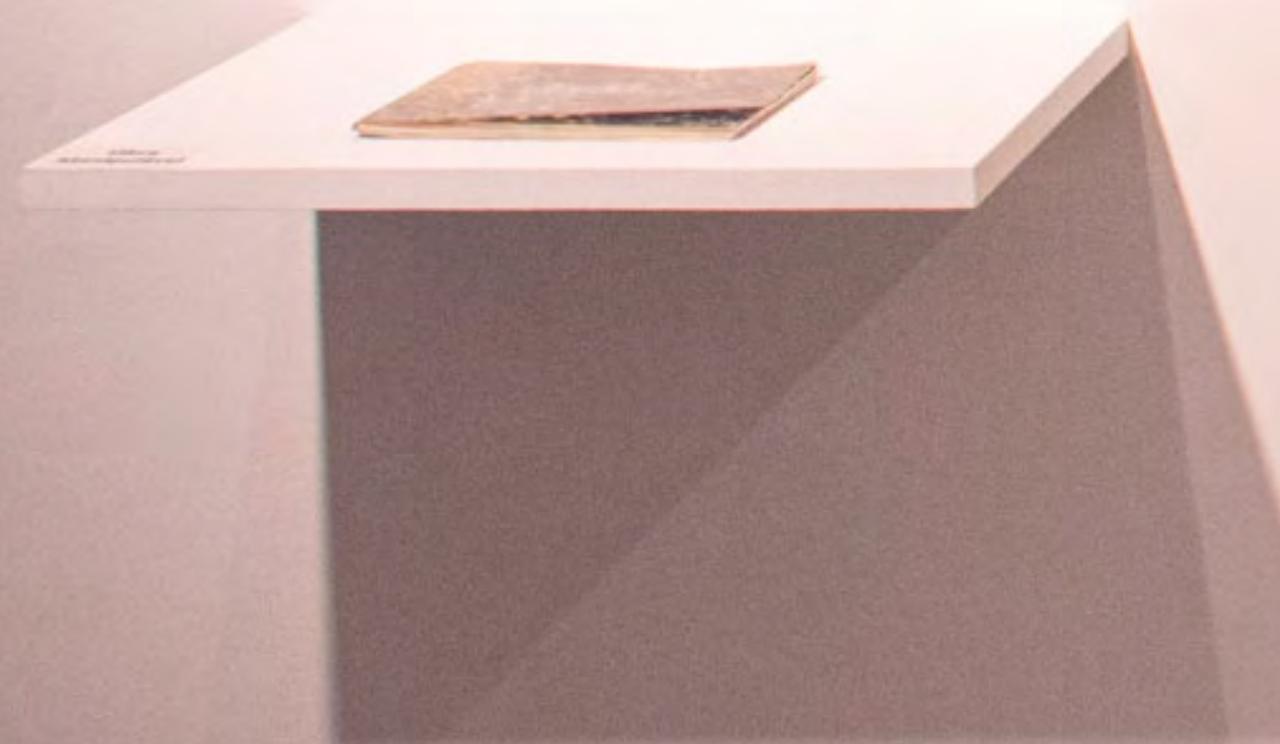
Sinopse: "Floema" é um projeto artístico autobiográfico e antropológico iniciado em 2020 e também o nome desta obra, um livro de artista elaborado a partir de metodologia colaborativa com pessoas, plantas, rochas e terras. A pesquisa teve início em Paraí-RS, território de infância da artista, e segue em desdobramento num processo que busca refletir sobre modos diversos de habitar e produzir mundo, sobretudo aqueles das epistemologias relacionais indígenas e de outros povos tradicionais e o da branquitude moderno-ocidental.





COTAS de Água São Paulo: 4.000.000.000 m³

Águas, Sustentabilidade,
Meio Ambiente,
Desenvolvimento,
Cidadania, Gás.





Foliar

2023/2024

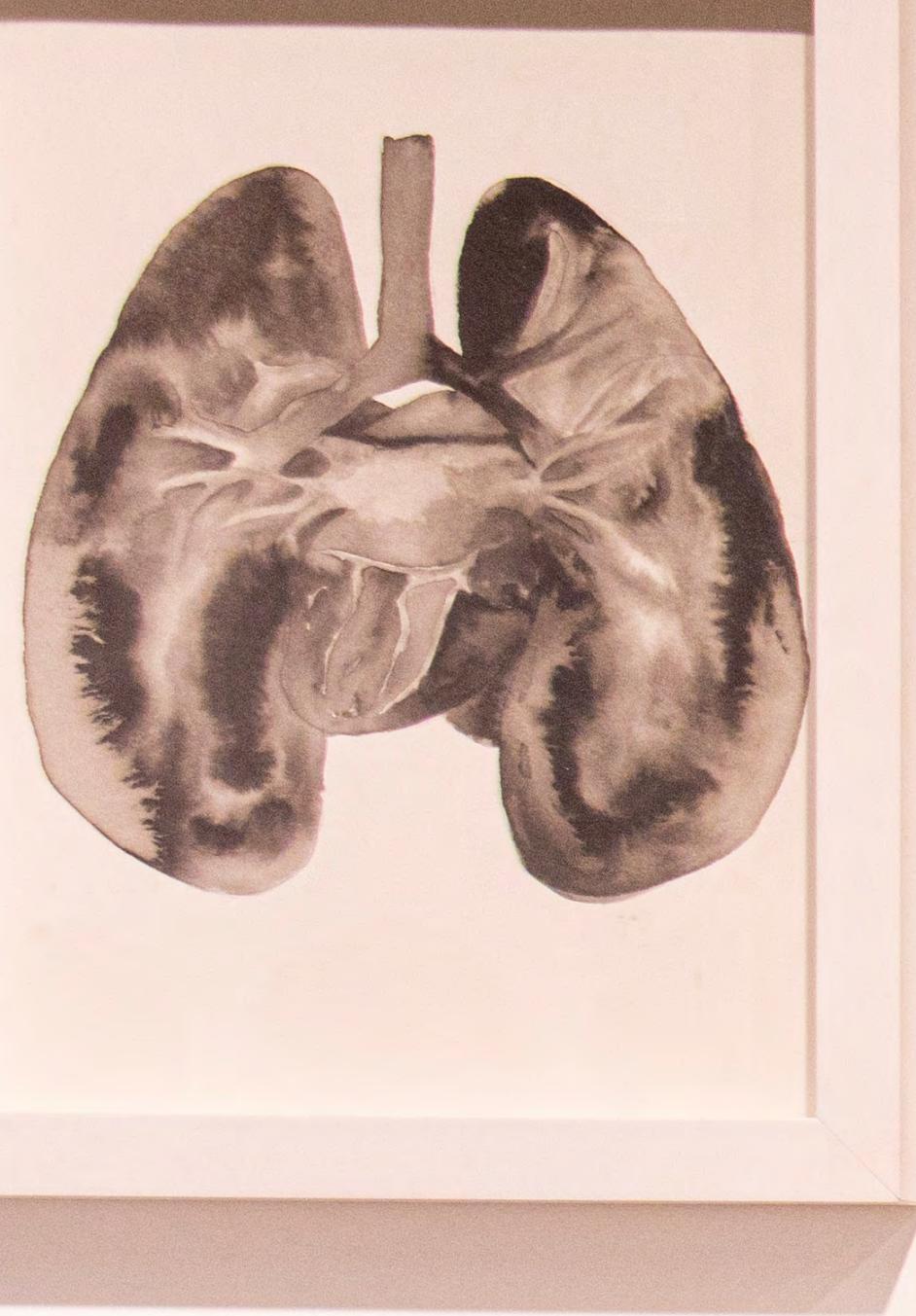
Silvana Macêdo

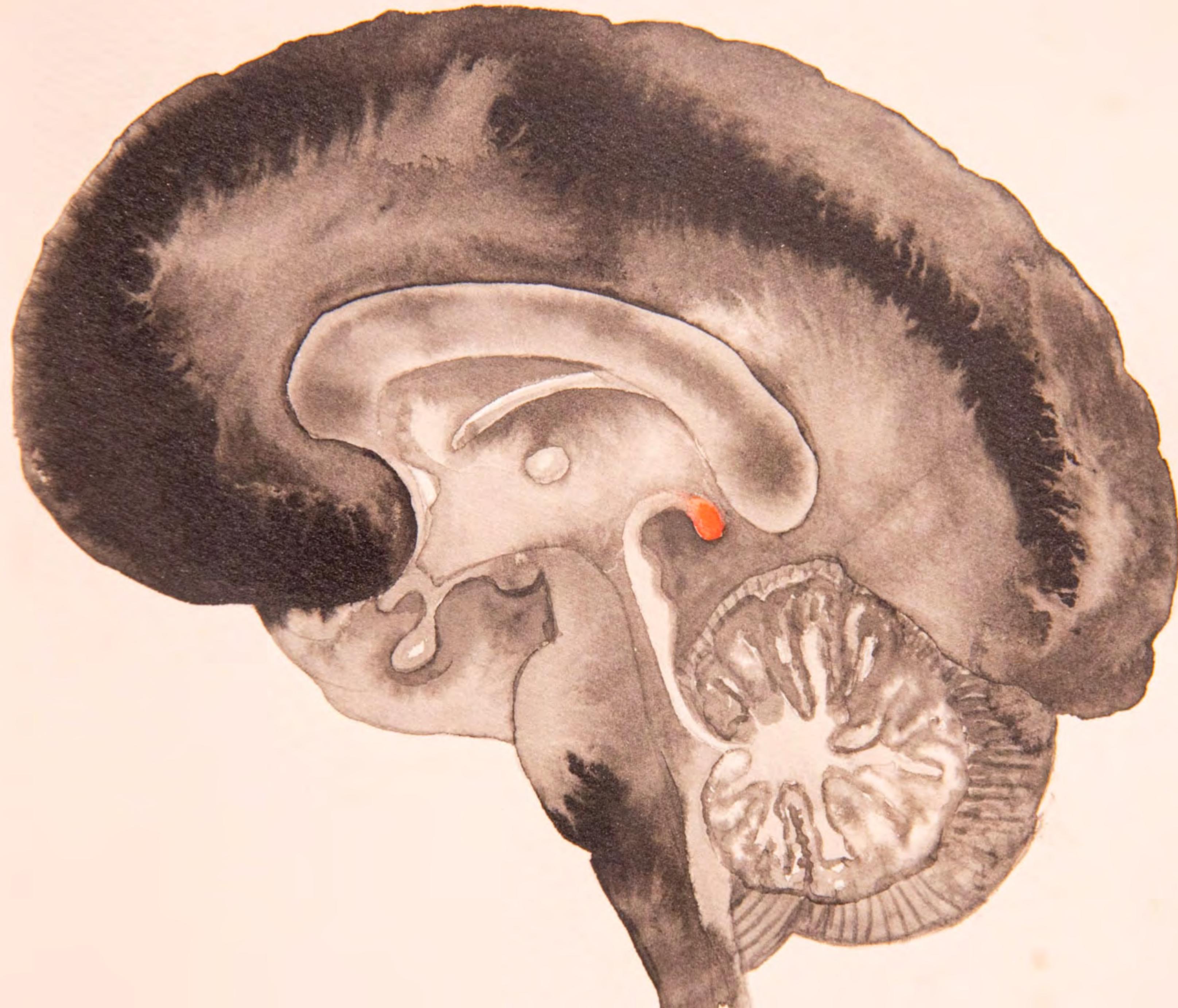
Técnica: 9 Pinturas de nankins/ papel de algodão, tamanho A4 cada.
9 Pinturas com chá das 9 árvores s/ papel de algodão, tamanho A3 cada.

Dimensões: tamanhos variáveis

Sinopse: A série Foliar reúne pinturas de partes do corpo humano e de folhas de nove espécies de árvores medicinais amazônicas: Breuzinho (*protium spp.*), Samaúma (*ceiba pentandra*), Apuí (*ficus spp.*), Castanheira (*bertholletia excelsa*), Pau D'Arco (*handroanthus impetiginosus*), Imburana de Cheiro (*amburana spp.*), Mulateiro (*calycophyllum spruceanum*), Massaranduba (*manilkara bidentata*) e Carapanaúba (*aspidosperma nitidum*). Cada planta tem propriedades terapêuticas múltiplas, mas foram selecionadas correspondências entre as espécies retratadas e as partes do corpo da artista atingidas pela doença autoimune Lúpus. As pinturas compõem o livro de artista de cunho autobiográfico que acompanha a série. Junto com essas pinturas, apresento o Manto, uma peça vestível usada no encontro com cada uma das árvores em seu habitat natural na floresta Amazônica.







Manto

2023

Silvana Macêdo

Técnica: Manto de tela de algodão, impressões botânicas e bordado sobre tela de algodão com tingimento natural. (Cúrcuma, Jatobá, Urucum, Erva Mate)

Dimensões: 110 x 127 cm cada. Frente e verso.



Corpo-Floresta: jogos da memória 2024

Silvana Macêdo

Técnica: Livro de artista

Dimensões: 10 x 15 cm

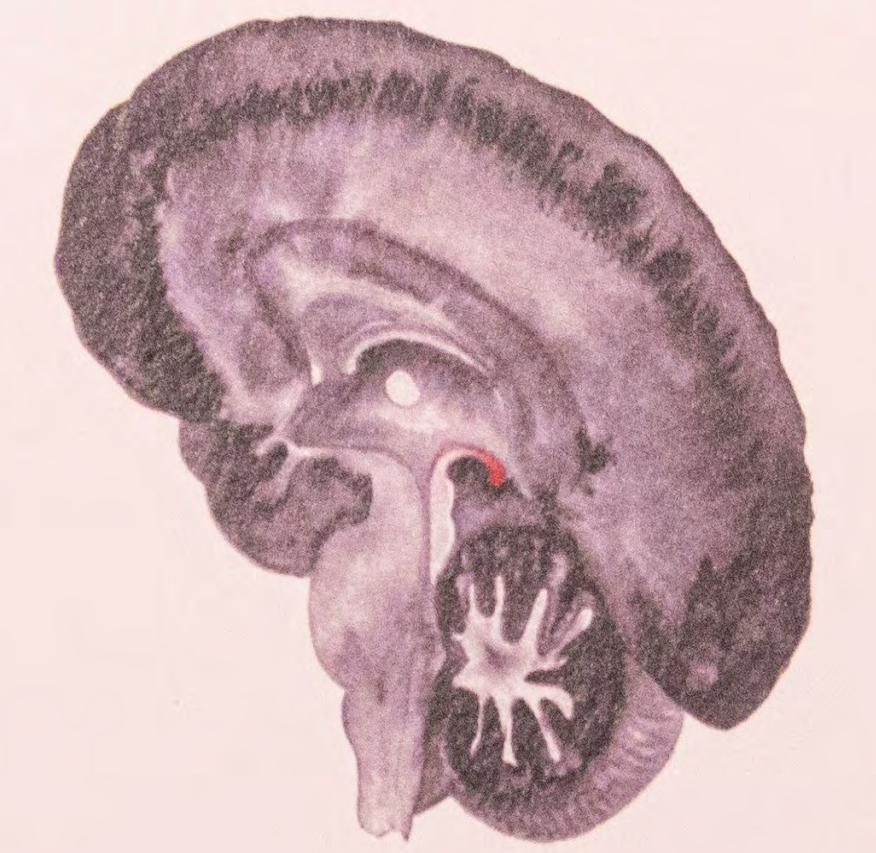
Tiragem: 100 exemplares

Sinopse: O livro de artista Corpo-Floresta: jogos da memória resulta do meu encontro com a medicina da floresta, num momento em que busco mais uma vez pelo restabelecimento da minha saúde. Junto com o tratamento alopático para o Lúpus, comecei a usar as tinturas e chás das espécies que eu estava pesquisando no meu projeto artístico. Então, além de fotografar, coletar e pintar cada uma das 9 árvores, o encontro com elas se deu também a nível intracelular.

Assim o livro surge dos jogos da memória do corpo-floresta. Cada planta tem propriedades terapêuticas múltiplas, mas selecionei as correspondências entre as espécies estudadas e as partes do meu corpo que precisam de cura no momento, para compor as duplas de cartas em um jogo. Trata-se de um livro autobiográfico, carrega também essa memória e dissemina os saberes ribeirinhos acerca dessa medicina ancestral, que é passada de boca a ouvido de uma geração a outra.







SISTEMA NERVO



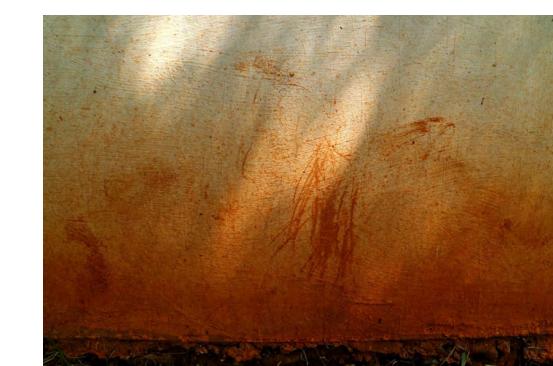
Afeto Rígido

Série, 2018-2021

Lívia Auler

Sinopse: Afeto Rígido fala sobre a minha avó materna. Na verdade, usa apenas fragmentos da história dela, a partir de minha perspectiva, para falar sobre como nossa sociedade patriarcal tratou (e trata) muitas mulheres. O cenário principal das fotografias é a fazenda da família (Vitória das Missões/RS), onde minha avó nasceu e viveu. Um local totalmente imerso nas tradições gauchescas, onde sempre esteve em voga a desvalorização da mulher - assim como a desvalorização da fêmea de qualquer espécie. A terra naturalmente vermelha, que, neste caso, carrega tanto sangue e sufocamento, permeia as imagens e é um dos fios condutores artísticos deste trabalho.

11 fotografias digitais impressas
sobre placas de PVC
Dimensões variadas



Afeto Rígido

Série, 2018-2021

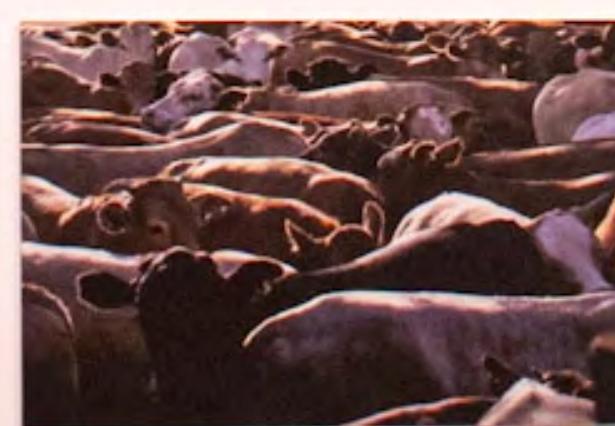
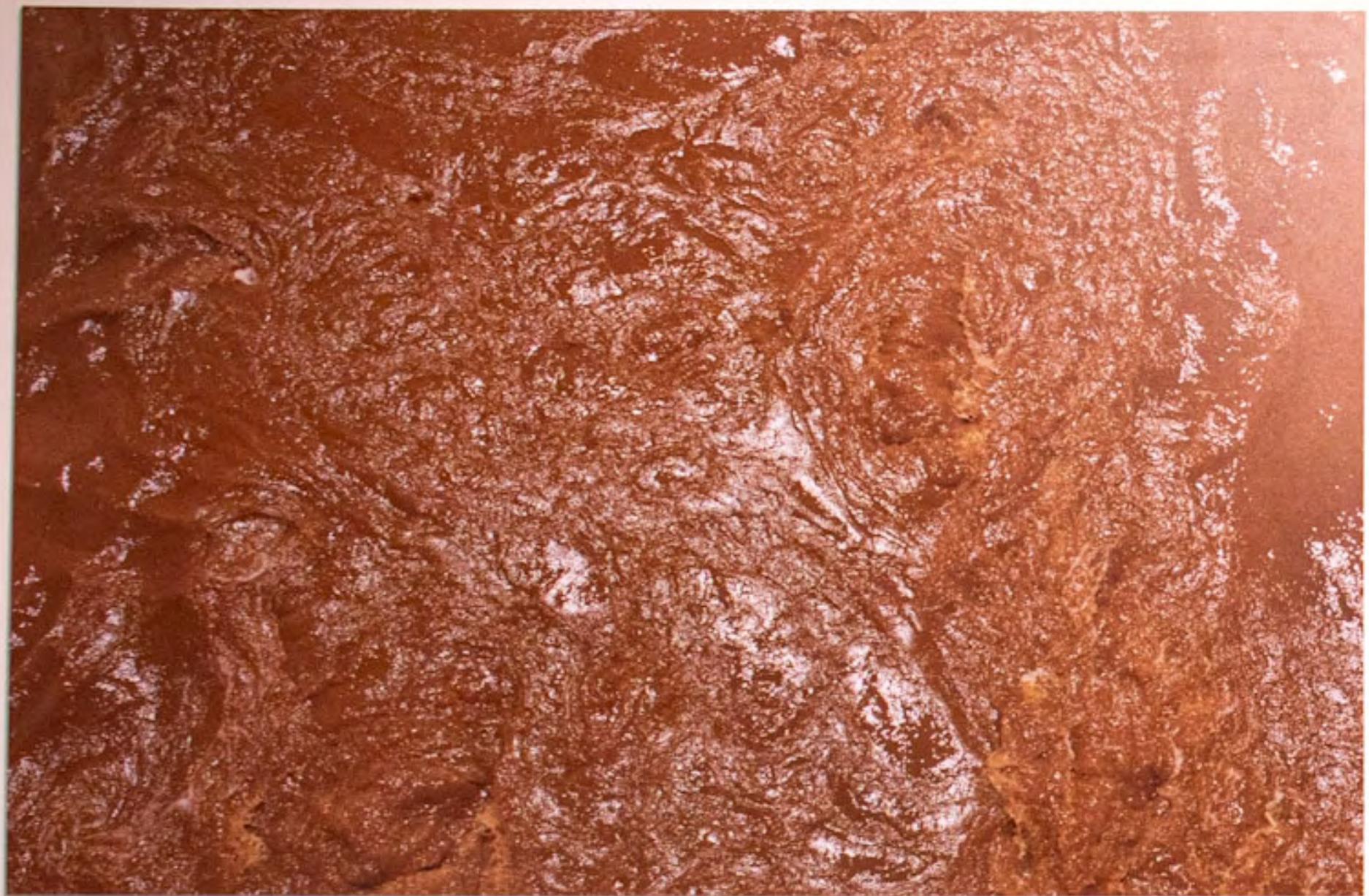
Lívia Auler

Sinopse: Uma prancheta com fotografias e documentos, que pode ser manuseada, também faz parte da instalação. Os documentos tratam-se de laudos psiquiátricos que encontrei ao procurar arquivos sobre internações da minha avó no

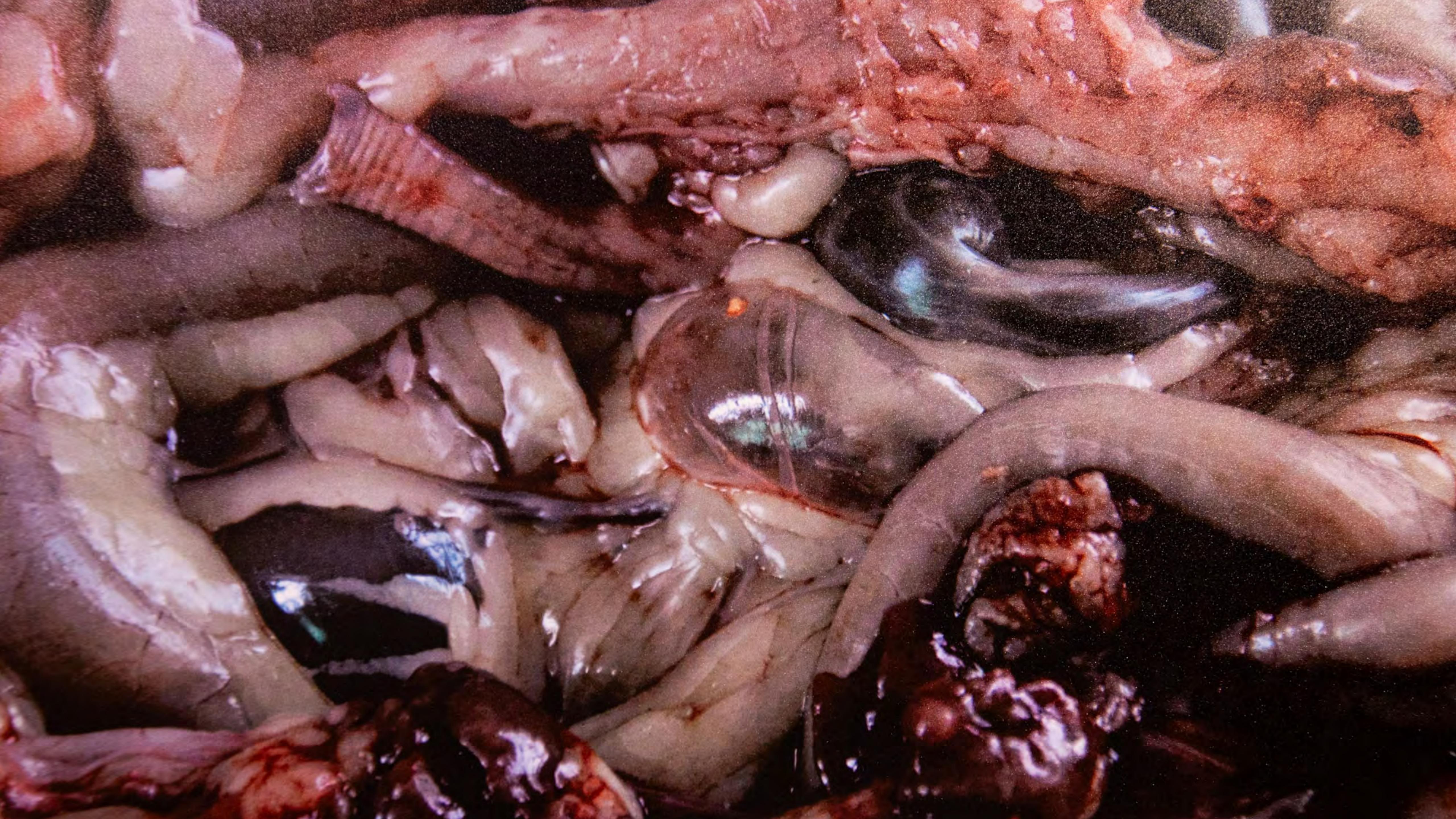
Hospital Psiquiátrico São Pedro, de Porto Alegre/RS. Nesses registros, descobri coisas como: ela era sempre internada pelo meu avô, de forma involuntária; os motivos da internação tinham relação com ciúme, afeto rígido e não fazer direito o trabalho doméstico.

Prancheta com documentos e fotografias impressas sobre papel
30x20cm





Obra
Manipulável



(se o verso)

sain disti ho-
mão de familiar.
nde o claudice, era o
en, desinfado no quarto
pro piso, flora nem mala-
u que para sair e não tem cá-

OS CONSIGNADOS NO EXAME DO PACIENTE (caso necessário utilize o verso) →

Catarrá, gripe, e cíclita.

Sintoma: venho pra consultas.

"Inconegido - n" muito no dia.
O profissional pôr pra cava defi-

lenciado do mundo. Pintam
curvatura de pica forsoa.

V - DESTINO INDICADO

Baixa para observações na

VI - PRESCRIÇÃO INICIAL

[Signature]

Afeto Rígido

2020

Lívia Auler

Técnica: Vídeo

Duração: 17min22s

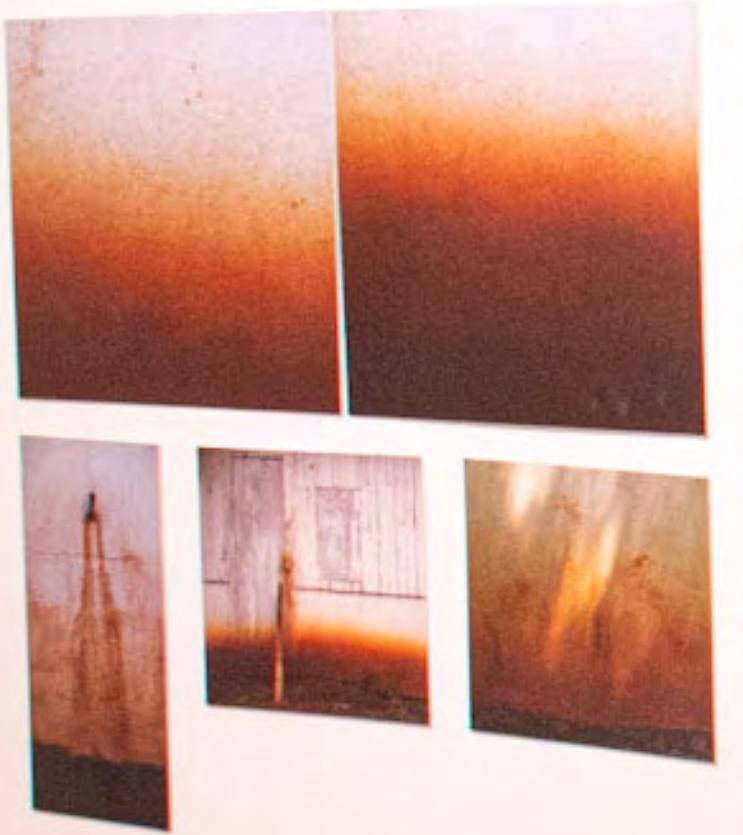
Acesso: [Vídeo Afeto Rígido](#)

Sinopse: O projeto também conta com um vídeo de 17min22s. Assim como as fotografias, as imagens em vídeo também foram feitas na fazenda, em Vitória das Missões/RS. A terra vermelha, assim como os animais, são os elementos centrais dos registros apresentados. Além do som ambiente, são sobrepostos áudios de uma entrevista que realizei com a irmã de minha avó e também momentos em que eu leio os laudos psiquiátricos.





LG



Obra
Manipulável



A Criação

Série "O Retorno de Saturno", 2024

Matheus Solar

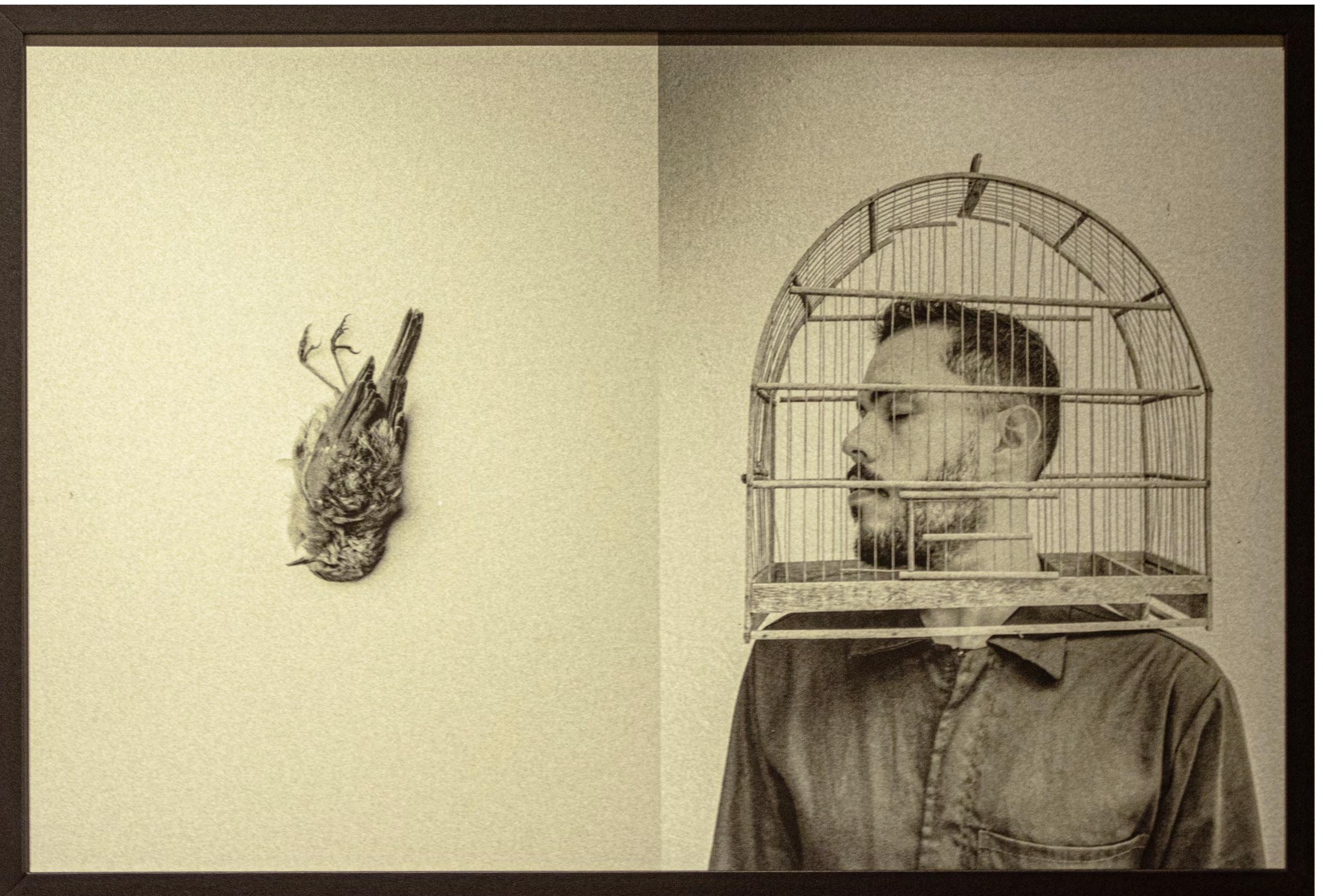
Técnica: Fotografia Digital

Impressão Fine Art. Tinta mineral s/ papel algodão

Dimensões: 42x60cm

Sinopse: A gaiola não aprisiona um pássaro, mas a própria identidade.

O corpo morto, o pássaro que não voa mais. Do outro lado, a reprodução do silêncio: um jovem criado, mas também cativo – pela tradição, pela moral, pela classe, pelo gênero, pelo sistema que o designa. A criação, aqui, não é gesto divino, é ato social. Uma tentativa de tornar visível o que nos aprisiona no intuito de perceber nossas jaulas para, então, poder desconstruí-las.





O Retorno de Saturno

Série, 2024

Matheus Solar

Sinopse: A série O Retorno de Saturno marca um movimento de retorno simbólico e afetivo à minha terra de origem, o cerrado goiano.

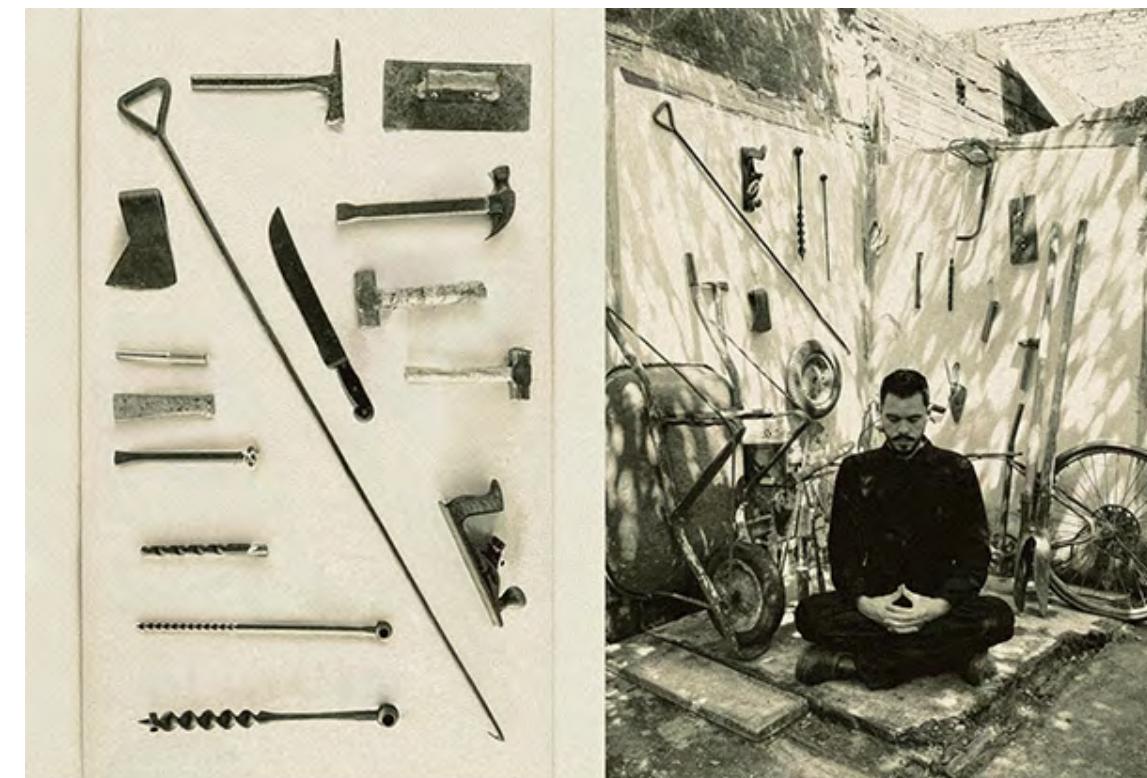
Um território que não é assumido apenas como um cenário, mas sim como um elemento deflagrador de poéticas e de processos criativos. Este trabalho foi realizado em parceria com os meus familiares e representa o encontro de gerações que revisitam o passado em busca de pensar problemáticas latentes do presente. A partir de memórias, ruínas, objetos domésticos e rituais cotidianos, construímos uma espécie de arqueologia que buscou investigar memórias pessoais e coletivas atravessadas por experiências de classe, deslocamento e ancestralidade articulando uma poética visual que entrelaça autobiografia e crítica social através da mistura de elementos íntimos e públicos nas figuras da casa, da cidade, do trabalho e da terra de origem.

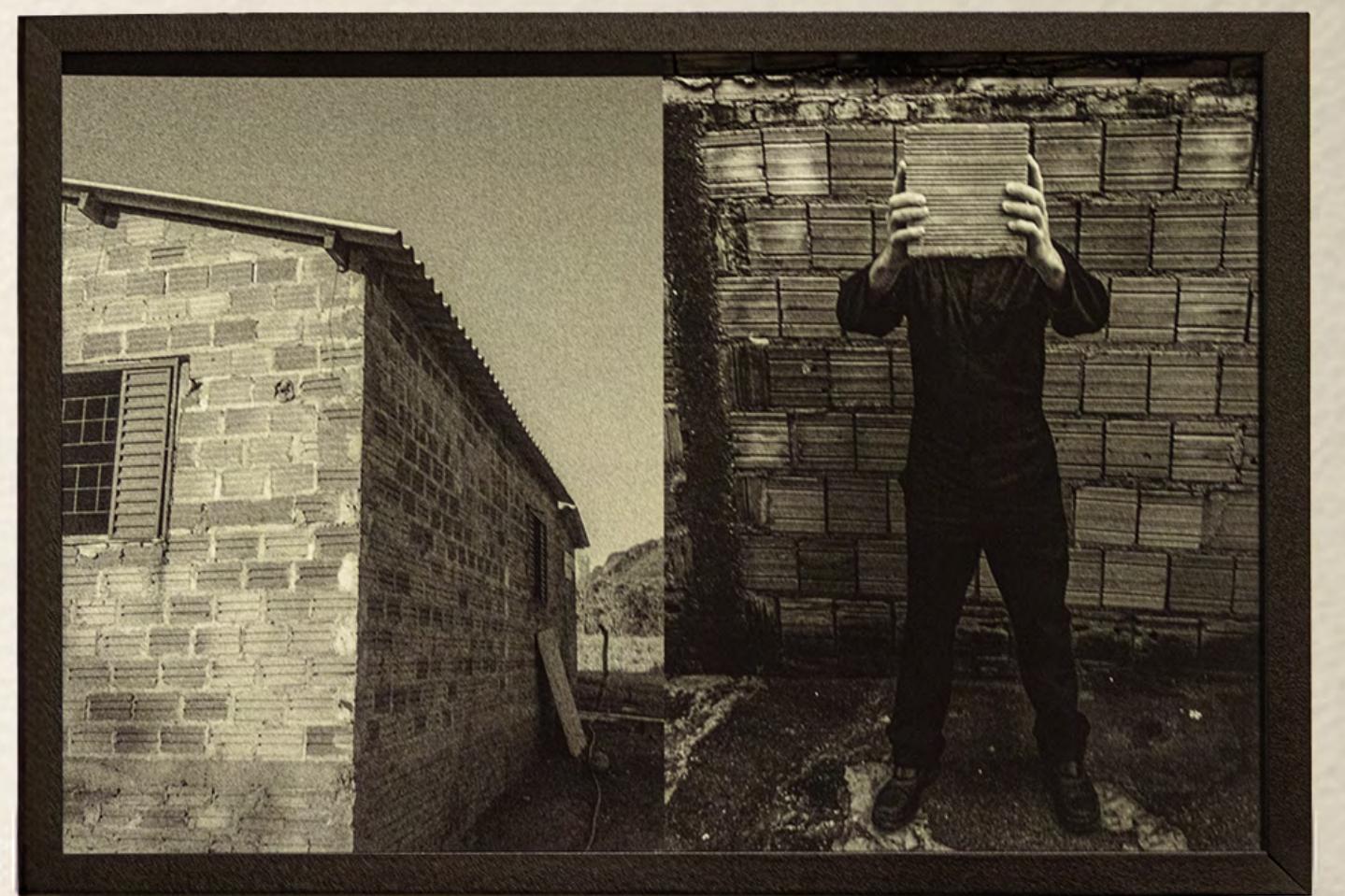
Ficha Técnica:

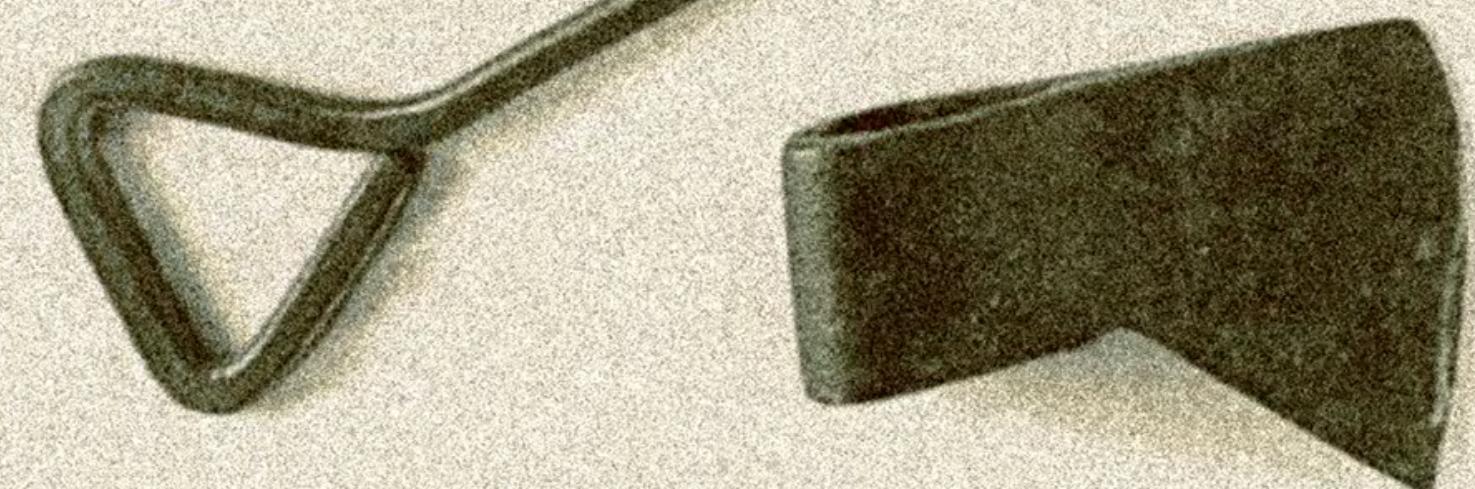
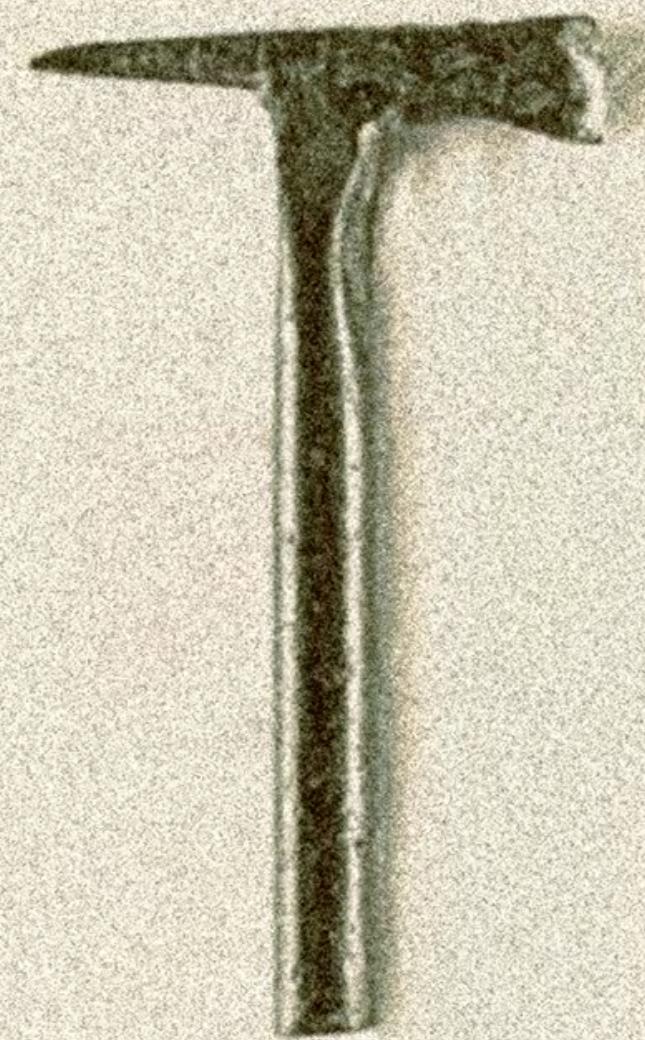
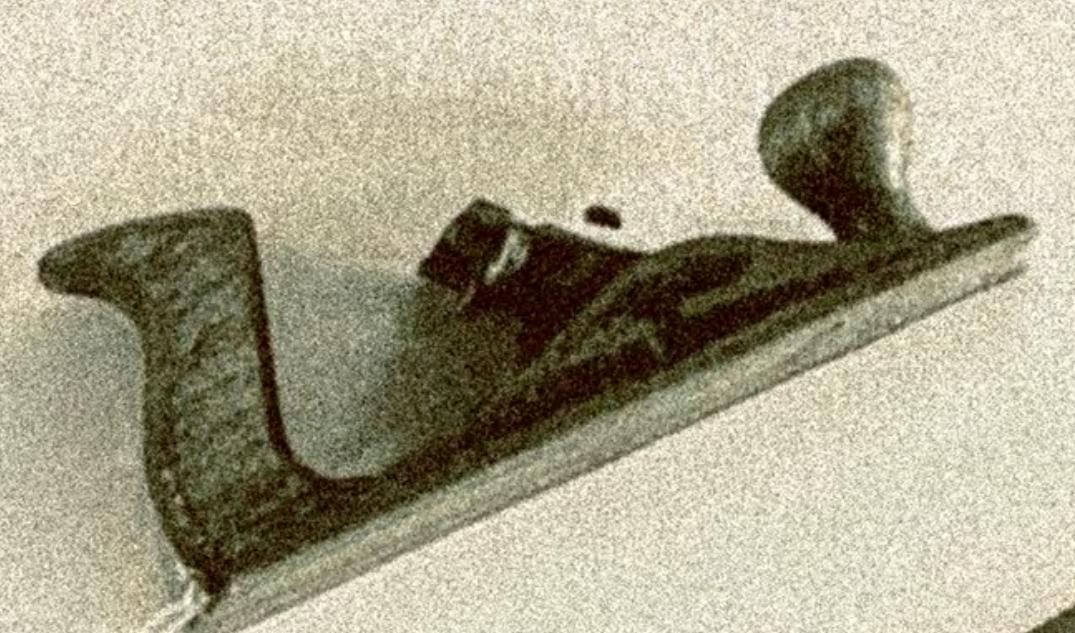
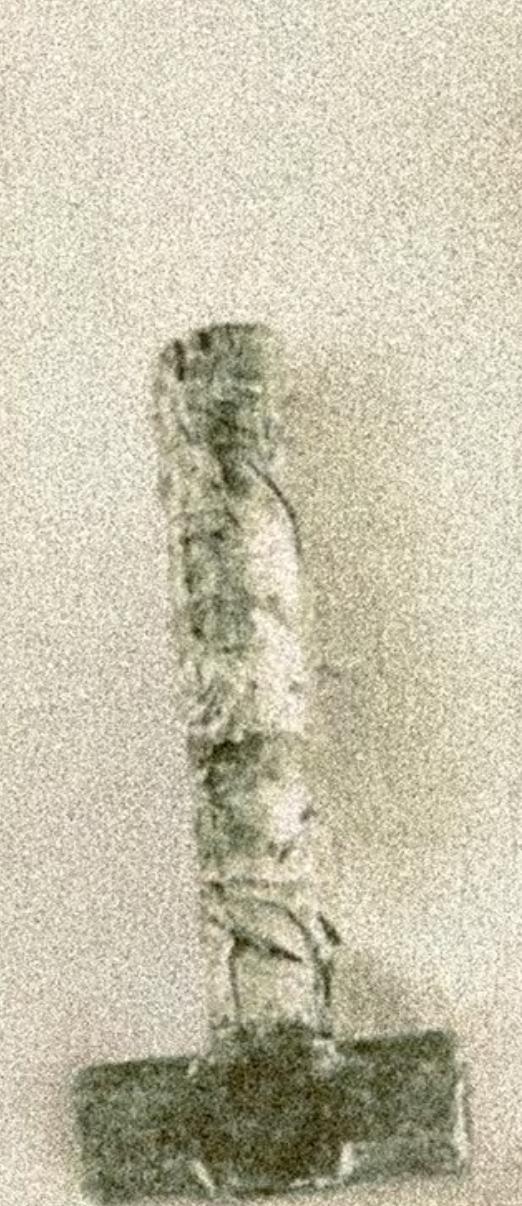
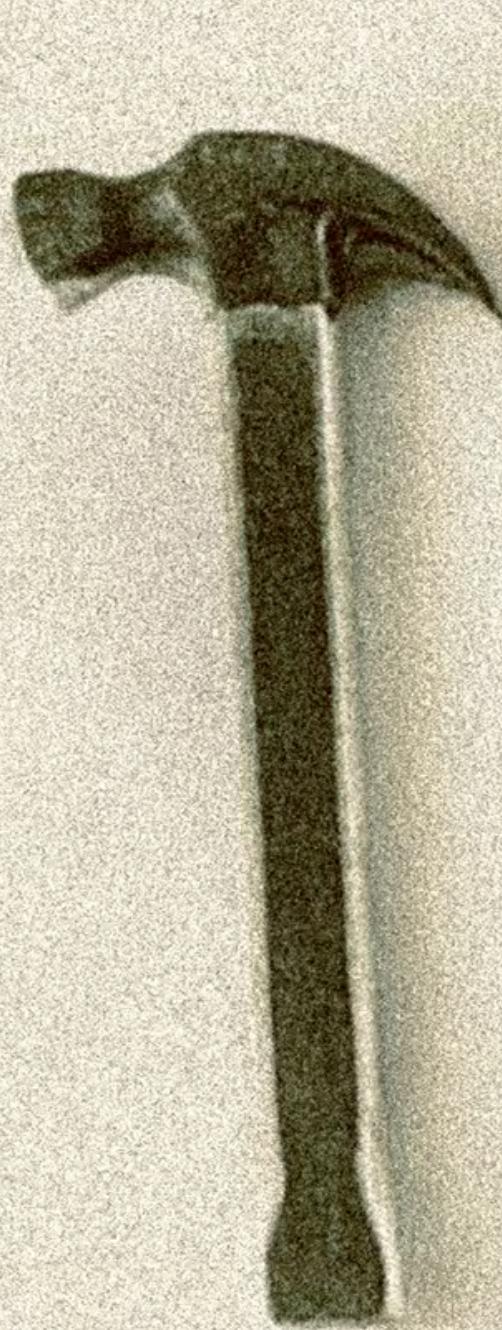
O Trabalho
Fotografia Digital
Impressão Fine Art
Tinta mineral s/ papel algodão
29,7 x 42 cm

O Sustento
Fotografia Digital
Impressão Fine Art
Tinta mineral s/ papel algodão
29,7 x 42 cm

A Casa
Fotografia Digital
Impressão Fine Art
Tinta mineral s/ papel algodão
29,7 x 42 cm









Tostões Furados ou Pecados Capitais

2025

Matheus Solar

Técnica: Objeto. Prato de ferro esmaltado branco desgastado e moedas da república velha.

Dimensões: 20x20x4,5cm

Sinopse: A luta cotidiana pela sobrevivência. Um pensamento tridimensional. Uma sensação recorrente de insatisfação com a capitalização da vida. Come-se dinheiro, veste-se dinheiro, mora-se a depender do dinheiro. Alguns esbanjam seus pratos cheios de créditos intangíveis. A outros sobram poucas moedas. Para muitos falta. Esta obra é uma crítica visual ao capitalismo que nos obriga a viver juntando moedas em um sistema vampírico que se alimenta da própria vida.





Casa, Território da Memória

2022

Eva Lacerda

Técnica: Livro de artista produzido com pinturas em óleo sobre algodão cru e xerox transferência sobre algodão cru e organza.

Dimensões: 30cmx40cm

Acesso: [Livro Casa, Territórios da Memória](#)

Sinopse: A obra Casa, território da memória é um livro pictórico constituído de pinturas e gravuras que tematizam as casas em que já morei, inclinando-se a uma narrativa autobiográfica contada a partir do afeto do espaço. Palavras, pinturas e gravuras que estabelecem interlocuções com arquivos fotográficos familiares, constroem uma narrativa pessoal a partir da memória do espaço da casa, atravessada pelas relações de gênero e classe que o envolvem.





casa de presenças casa de ausências





de aussencafe

Inventário de memórias

2025

Eva Lacerda

Técnica: Instalação de pinturas em óleo e impressão sobre acrílico

Dimensões: Dimensões Variadas

Sinopse: Em Inventário de memórias, produzo um conjunto de pinturas de objetos que carregam memórias autobiográficas. O suporte transparente cria uma silhueta na parede, uma sombra que alude ao passado, um peso, um duplo que vem junto com a coisa. Cada objeto é acompanhado de uma memória escrita que ecoa histórias de mulheres da minha família, vindas de diferentes partes do Brasil, buscando uma casa, um lugar de pertencimento.

Atravessada por afetos e desafetos, a relação com a casa é esmiuçada a partir de objetos solitários impregnados de passado.



~~cidade de Rio Janeiro~~
tudo fôr mais fechadas com galhos e pedras pelo lado
oposto que opõe a fronteira que separava Paciência da
turística cidade do Rio de Janeiro. Se a casa é também um
ponto geográfico em sua bairros, a casa da minha avô Laurinda
é um ponto marginalizado e excluído da cidade. Fico
pensando hoje que paciência era uma qualidade necessária para
a v.a. nessa casa, nesse bairro, que talvez explicasse a
máscara da sua cadeira de balanço azul.



Também nascem solitários, sem par, que formam
relações gregas com outras espécies de insetos da sua classe.
Encontrámos em casa das moças entomólogas, John
Hawkins e sua filha, Dr. Jessie, muitas espécies de insetos
solitários. Quando vimos essas espécies em casa para
o Dr. John H. Sawyer para fotografar, ele
nos mostrou algumas que eram raras que não se podiam
ver em outras partes e sólidas como espécies solitárias de
a Phasmagida. Encontrámos muitas espécies de insetos
solitários que era farto em casa de entomólogos
de grande nome como como Dufour, que era um
exímio entomólogo francês, e John G. Koenig, que era
um grande entomólogo alemão e um brilhante
entomólogo francês que morreu

You give more room for data on transmission & make it
less likely you'll be asked for your source data from another
programmer. In addition because less of your program's responsibilities
translating & sending follow-up programs, you'd have more time available
to implement features and code your own logic. I think a familiar example of this would be the way you can write your own
calculator & mathematical or even follow-up programs, and then
communicate information to them via sockets or a message queue
with minimal overhead because they have predetermined
APIs. In the process, minimizing the overhead because there
is no need for the browser to handle all of the logic for you.
Another thing you can do is have each of the web pages
implement its own logic, or perhaps do a configuration file.
This is probably the best solution if you're trying to make
multiple web pages work together. It allows each of the
different programs can interact to exchange data. Consider
another example where transmission responsibilities are delegated to
other more specialized programs, your program's job
is to take care of users who are unprepared for
interactions with something all common in response to

Muchas antigas fotografías de medicina con poco manejo de antiguo equipamiento das veces pasó no Rio de Janeiro muitas destas organizações Santa Catarina em um momento de mudança para Rio de Janeiro. Em vez de flores com liquidificante de banquete de quinta e de medicina grande de perfumes desodorizante que o banquete patologias entre pessoas e seu perfume no ambiente da medicina familiar como que para mim, seu perfume respeito de um lugar cheio de antigas fotografias que não conseguiram encontrar de volta. As roupas de determinadas de vez não tem muitas qualidades tais as segundas. O que sobra é uma banquete de medicina.

Apesar de ter muitos pontos positivos a serem vistos no trabalho da Marinha, considero que o Tenente é um cara que enganou muita gente com a versão da morte em maréba formada. Tudo o que ele apresentou nessa versão é enganoso e falso e que o Tenente queria mentir. Quando quisera explicar isso, o Tenente fez sua versão de balaço em detrimento das outras. Sua versão finge que os balaços profissionais devidos ao Tenente Francisco Lira na balaço finge de tudo. As suas falacrias, seu golpes e golpes para desfazer provas, sua opção de falar com pessoas que sequer tinham nada a ver com a morte de Jairinho. Se o cara é babaca, o ponto geográfico em que se encontra a casa do médico não importa, mas o ponto marginalizado e ocultado do trabalho. Fico procurando logicamente que pessoas que não possuem nenhuma conexão com o caso de Jairinho, que importa que importa balaço que talvez explique a existência da sua versão de balaço igual.



Tecendo redes: Afeto-grafia do (des)encontro

2024

Mariurka Maturell Ruiz

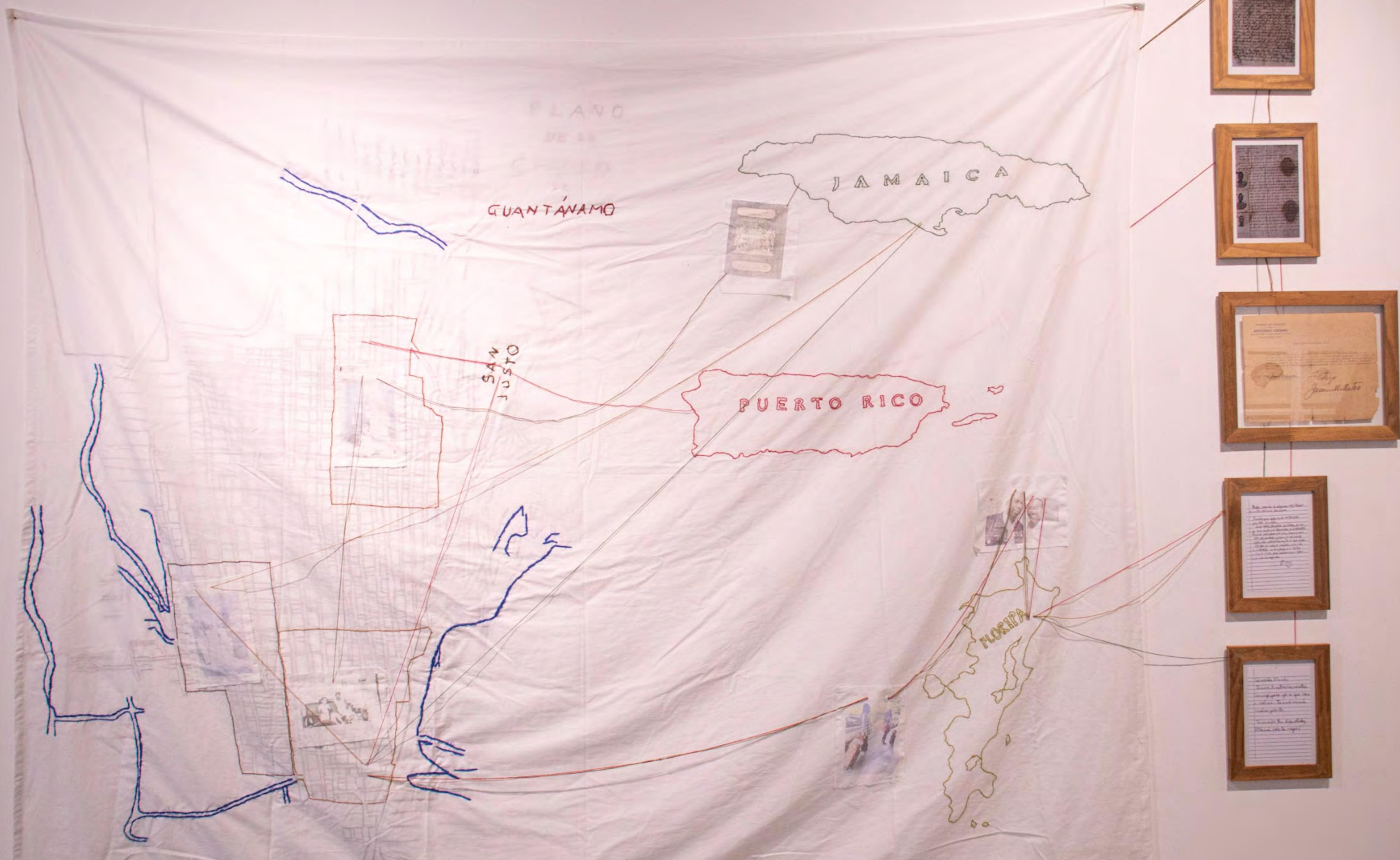
Técnica: Instalação multimídia tecido de algodão branco com bordado e foto-transferência, molduras de documentos e fotografias e fragmentos de áudio

Dimensões: 2m x 1.30m

Sinopse: A instalação "Tecendo redes: Afeto-grafia do (des)encontro" explora as conexões entre geografia, memória e identidade. Utilizando elementos pessoais e familiares, a obra combina bordados de mapas históricos, fotografias, documentos e fragmentos de áudio para traçar as trajetórias migratórias e relações afetivas da artista afro-cubana e sua família. Este trabalho convida o público a refletir sobre as experiências de migração, encontros e desencontros, criando uma narrativa visual e sensorial envolvente.

**ÁUDIOS DE AFROCARIBENHOS(AS)
EM GUANTÁNAMO:**





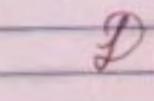
Consta por el presente escrito que conozco al Sr. Reyes León y que es natural de Puerto Rico y reside en Guantánamo hace más de veinticinco años a que reside en esta ciudad y es un hombre trabajador y honrado, y para lo que le pueda servir le firmo el presente escrito en la ciudad de Guantánamo los ocho días del mes de Septiembre de 1937.

Antonio Graciani

Testigo
Juan Mellado

Papa, mamá si alguna vez llegan
a entenderme, les amo.

Buena que sepas que estamos
juntos en esto.
Que todo los días yo llora, y no
yo que todo me lleva a mis padres
Buena que sepas que mis lágrimas
son de verdad y que yo me siento
ridícula, estúpida ante lo que hice.
Por eso si voy a mejorar por ello
un abrazo y un beso en estos
momentos me harían un bien
que no imaginas.

D 



Escala da violência doméstica no Brasil

2023/2024

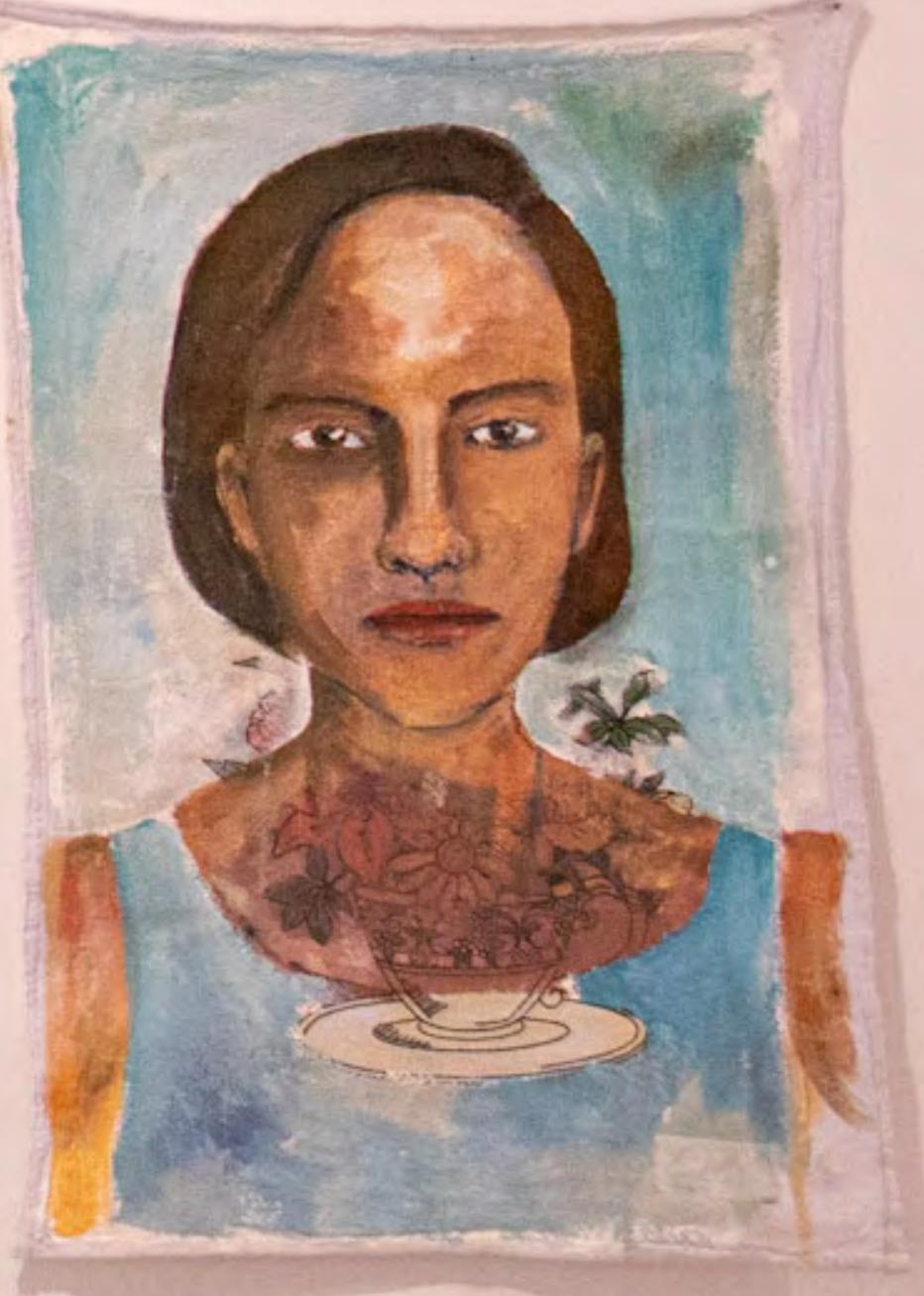
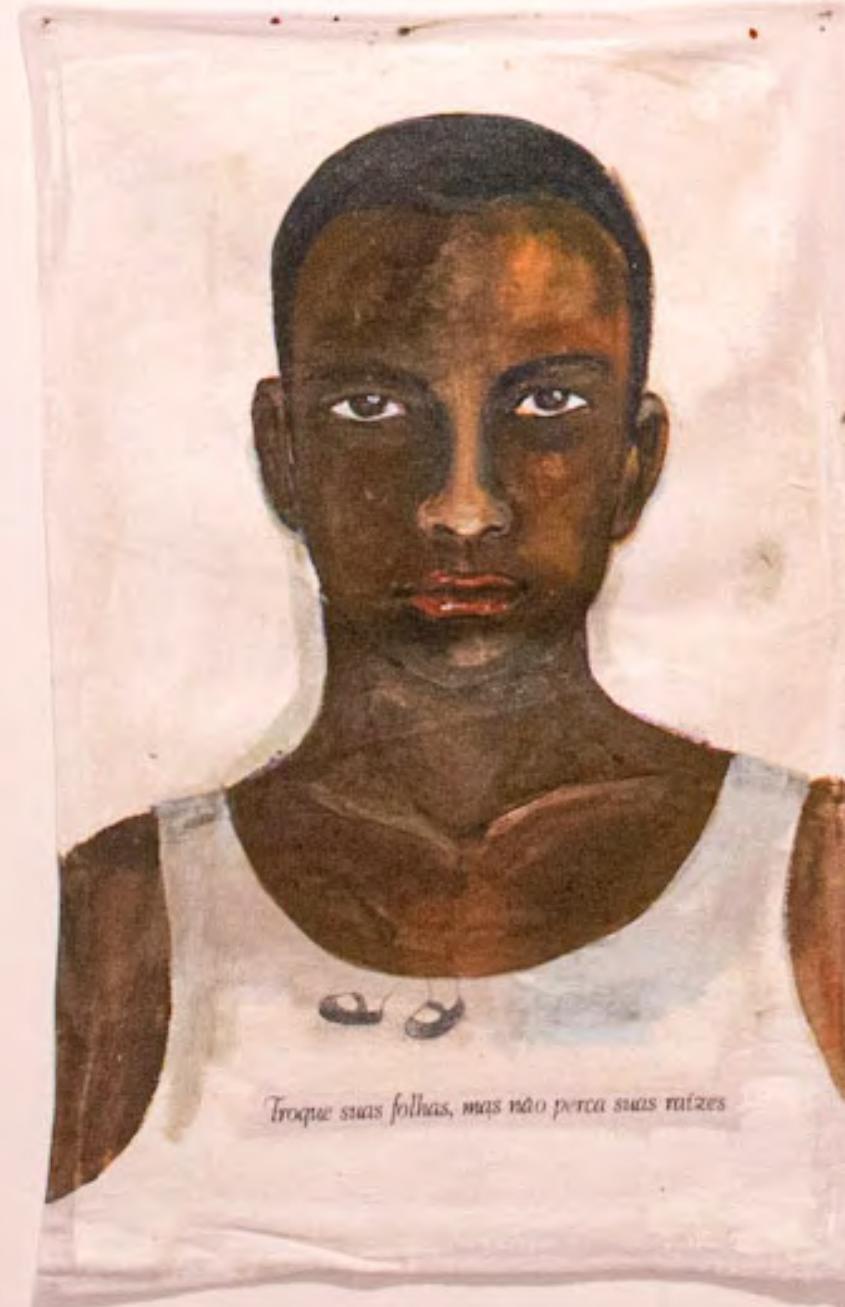
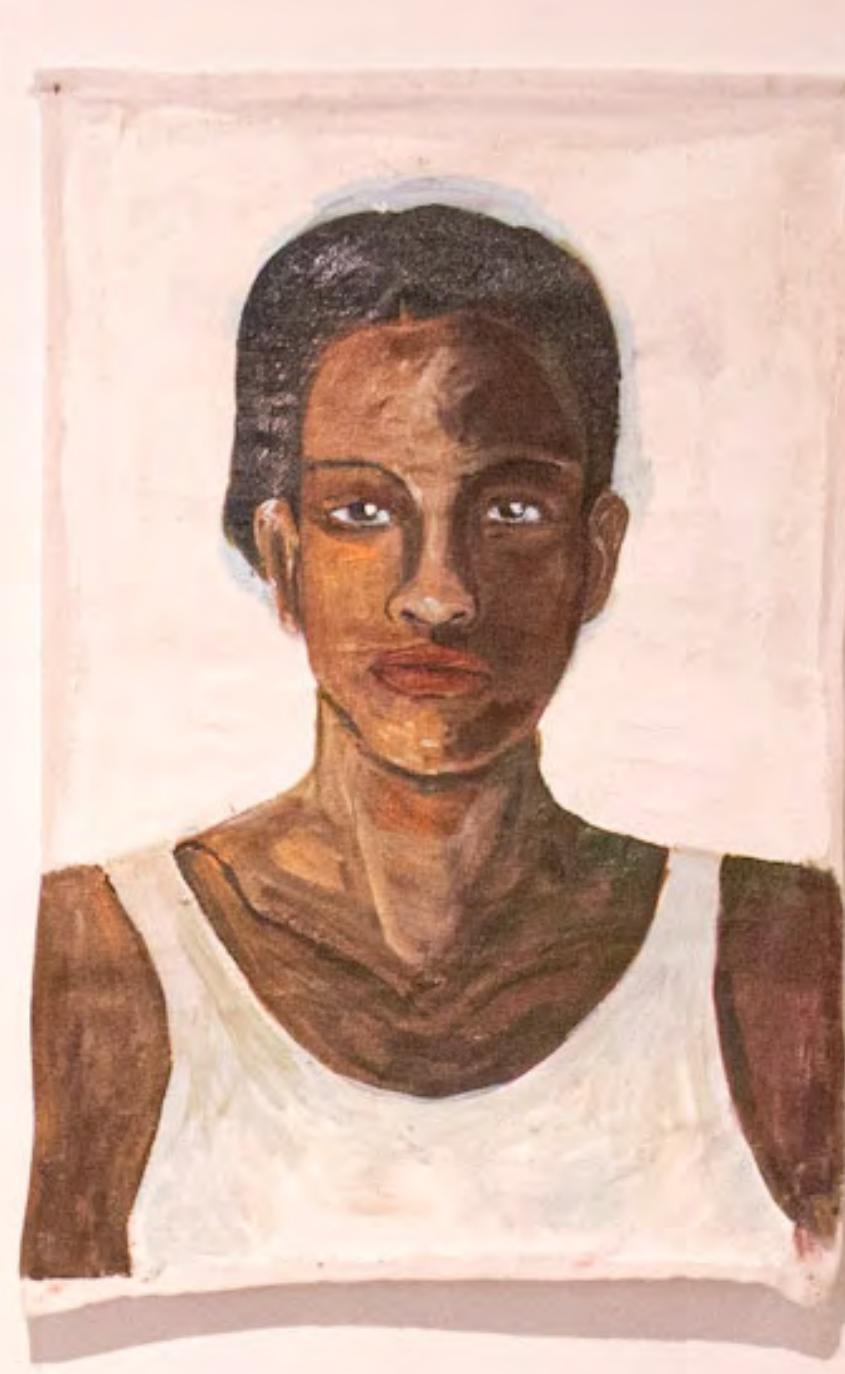
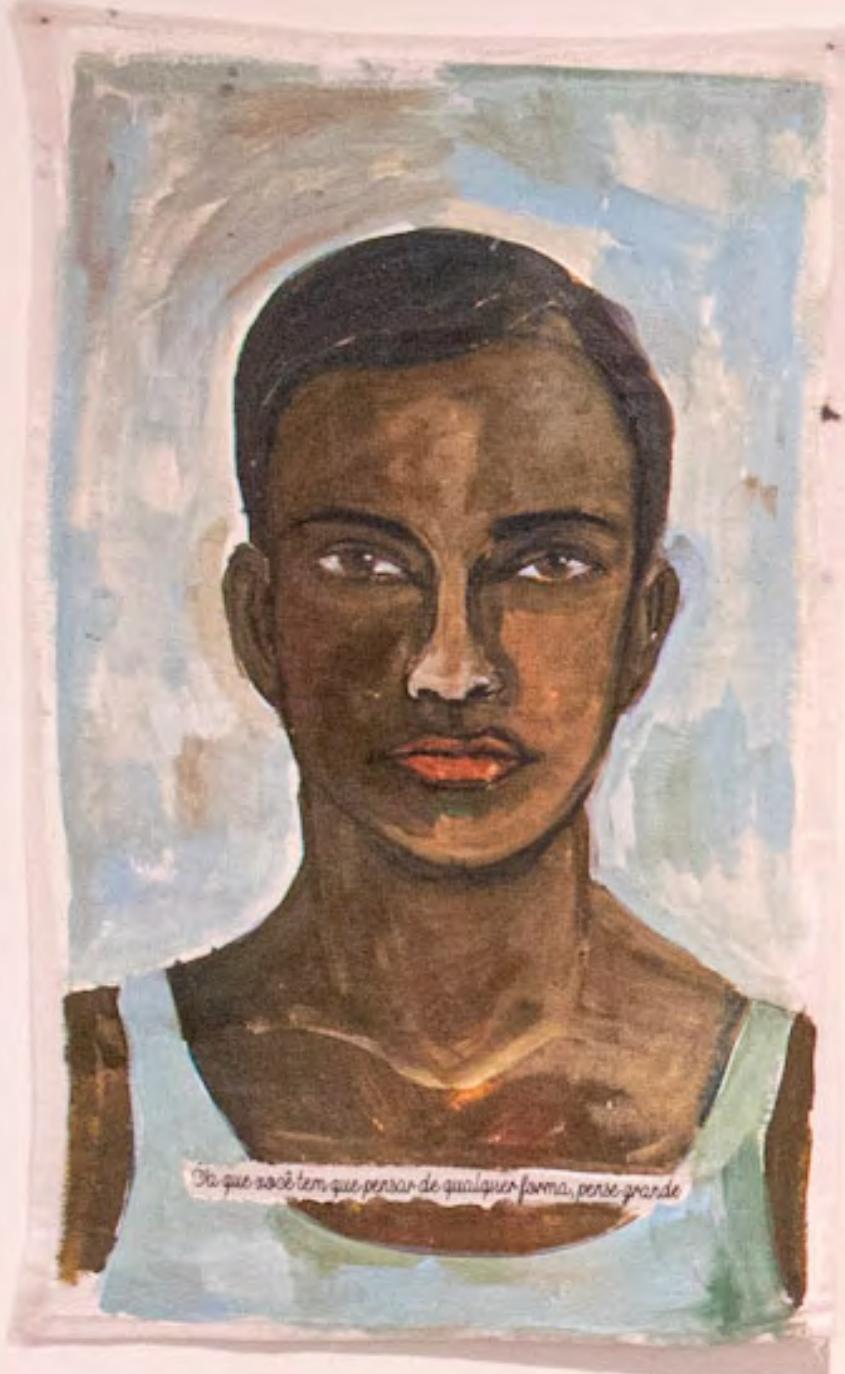
Dalva França de Assis

Técnica: Acrílica sobre pano de prato

Dimensões: 50cm X 75cm (quantidade de panos: 8)

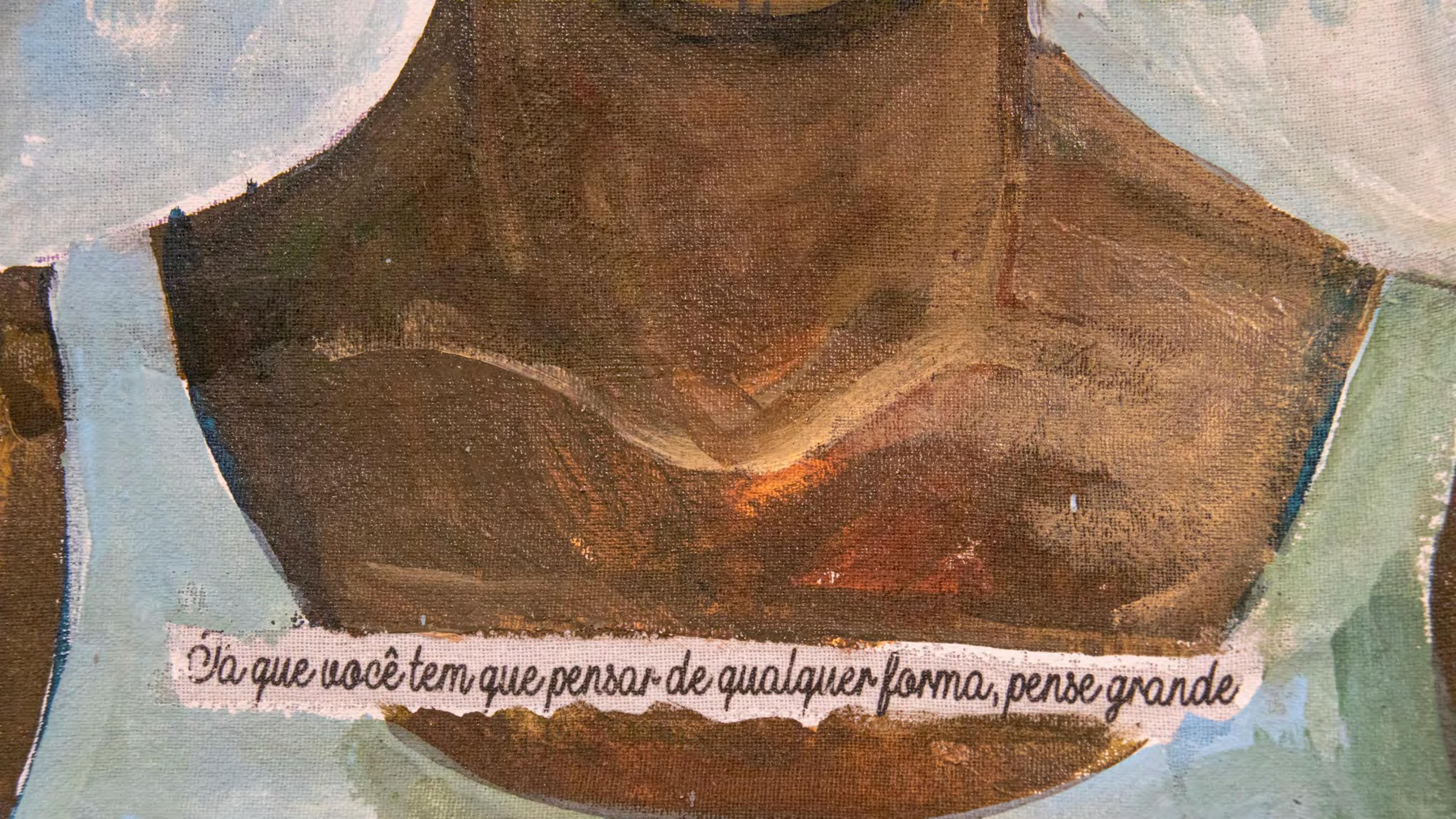
Sinopse: O trabalho “Escala da violência doméstica no Brasil” é uma ação pictórica realizada em panos de prato que aborda as estatísticas do aumento da violência doméstica durante o período da pandemia de Covid-19 no Brasil. Os estudos mostraram que as denúncias de violência doméstica aumentaram em todos os estados, principalmente nas regiões periféricas, lugares onde se concentra a maioria das mulheres pretas brasileiras.



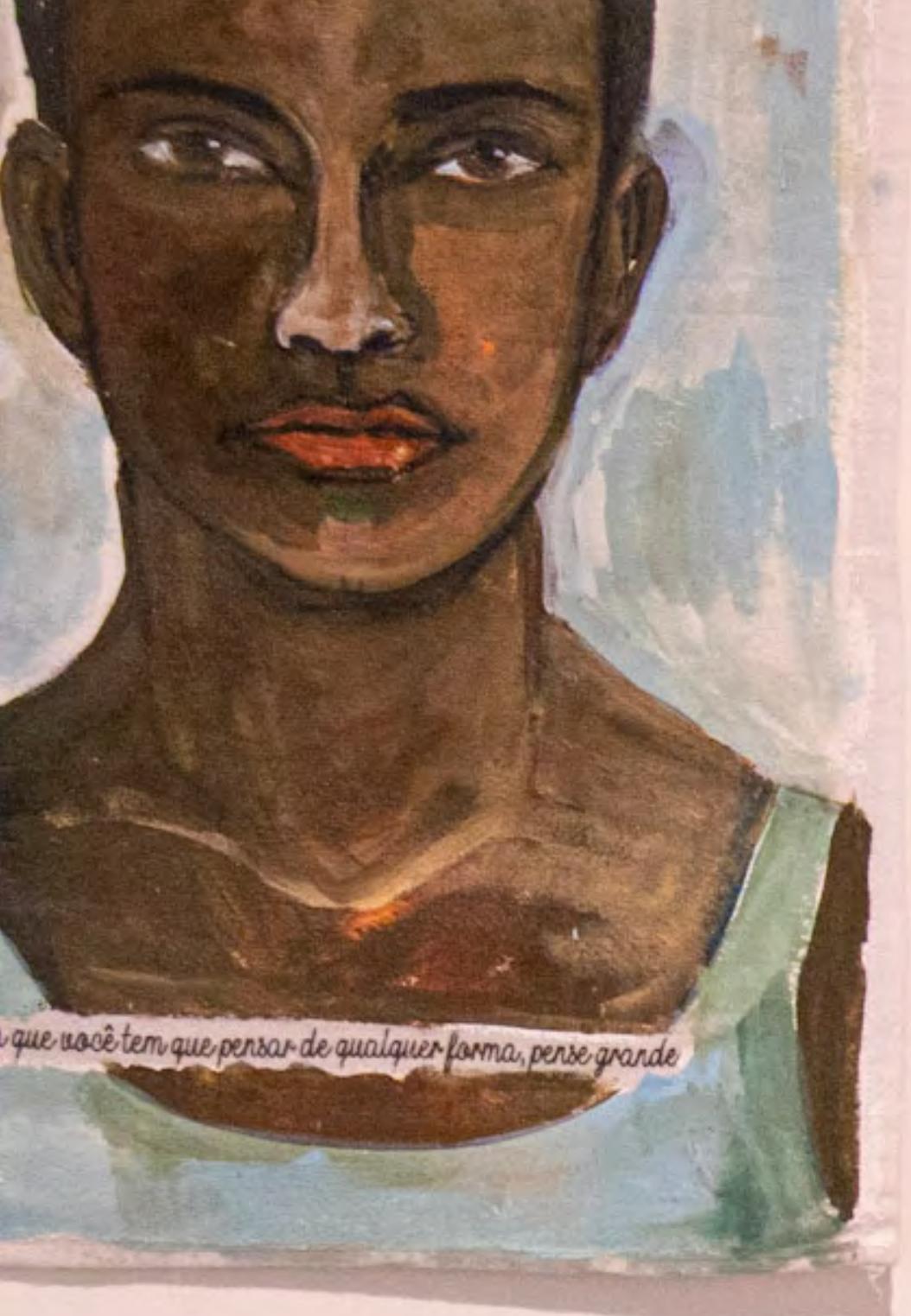


Marina Machado
Galeria Poesia do Brasil
Av. Paulista, 100 - 2º andar
Tel. (11) 5072-2020





O que você tem que pensar de qualquer forma, pense grande



que você tem que pensar de qualquer forma, pense grande



Minhas três avós

2022

Geórgia Mendes

Técnica: Instalação. três bastidores de bordado e fitas de cetim.
Dimensões: composição total 130 x 30 cm (30 cm cada bastidor).

Sinopse: O trabalho "Minhas Três Avós" trata de uma jornada de resgate da história de mulheres artistas e artesãs que, como muitas outras, foram silenciadas pela história da arte. Inspirada pelas reflexões de Ana Paula Simioni, que aponta que as mulheres artistas "não possuem biografias, não deixaram registros memoráveis, logo, não pertencem à história", e por Ana Mae Barbosa, que destaca o preconceito de classe que impôs um segundo apagamento às artesãs pobres, a artista tece uma narrativa íntima e poética. Ela entrelaça sua própria trajetória com a de suas avós, cujas vidas são representadas pelas fitas coloridas da instalação: Maria de Fátima do Carmo Araújo (cor rosa), que, após a separação, sustentou sozinha as duas filhas com costura e ponto cruz; Maria Necy de Castro (cor laranja), que, também separada, trabalhou com crochê e costura, mas, diante da dificuldade de cuidar sozinha de quatro crianças, enviou os dois filhos mais velhos para os cuidados de sua irmã; e Elita Pereira de Castro (cor azul), que recebeu os dois sobrinhos e, mesmo viúva, os manteve com o trabalho de renda de bilro.

Essas mulheres, que nas décadas de 1950 e 1960 eram mães solo ou viúvas, encontraram nas artes aplicadas um meio de sustentar suas famílias e construir suas próprias narrativas. Ao tecer esses trançados de memórias, a artista não apenas as homenageia, mas também reivindica um lugar para elas na história da arte, combatendo os mecanismos de exclusão e invisibilidade.



MAPA DE FARMACERIA EN SUS ESTADOS UNIDOS



CARMOMA ARAUJO
ORGIA MENDES SOUSA
ANNECY DE CASTRO
ARRAWECCY DE CASTRO
CARDOZO STRO PEREIRA
CASFRA
MARIA DE FATIMA DO CASTRO
ORGIA MENDES SOUSA
GEORGIA MENDEZ
VIEIRA
MARIAM DA FATIMA DO CASTRO
ECY DE CASTRO
GEORGIA MENDEZ
ARAUJO
OMAR DO CASTRO
TOMAZO DA VITIA
MARIA NECY DE
FORGIA MENDES SOUSA
LILA DE CASTRO PEREIRA

A rede

2024

Geórgia Mendes

Técnica: Instalação. Rede de nylon e fitas de tafetá.

Dimensões: 180 cm x 130 cm

Sinopse: A instalação “A Rede” materializa as conexões entre artistas mulheres brasileiras. A obra é a conclusão visual da pesquisa de mestrado “Nós mulheres artistas: a autobiogeografia para a construção de um lugar de pertencimento”, que mapeou a presença de mulheres em exposições, premiações e bienais no país. Nessa teia de significados, a rede — feita de linhas, espaços vazios e nós físicos — carrega fitas de tafetá carimbadas com os nomes das artistas. As cores das fitas funcionam como um mapa vivo, indicando a origem de cada uma: vermelho para o Sudeste, rosa para o Nordeste, verde para o Norte, laranja para o Centro-Oeste, azul para o Sul e branco para os casos de origem não identificada. Em essência, “A Rede” é um trabalho artístico e político que busca fortalecer a visibilidade e o reconhecimento das artistas mulheres brasileiras, construindo uma narrativa coletiva.



*Sainte Thérèse du Carmel
membre de l'ordre
Sister Teresa de Jesus
Mère du Carmel, sainte de la pri-
ère à Dieu
Sœur Thérèse de Jésus*



Meu primeiro lar

2023

Kamile Hannah Freire

Técnica: Cerâmica

Dimensões: 17,5 x 10

Sinopse: A obra “Meu primeiro lar” nasce de uma experiência de modelagem realizada na graduação, em que a prática de moldar formas despertou a reflexão sobre o que significa habitar. A pergunta que orienta o processo é: “A barriga é nossa primeira casa?” Para muitos, ela pode ser casa e lar ao mesmo tempo, mas essa não é uma regra. No meu caso, como filha adotiva, a barriga foi apenas minha primeira casa, mas meu primeiro lar foi gestado no coração de minha mãe. Sendo assim, a resposta encontrada foi de que a barriga é nossa primeira casa, mas nem sempre é nosso primeiro lar.







O azul da minha pele

2024

Kamile Hannah Freire

Técnica: fototransferência e aquarela em tecido

Dimensões: Dimensões Variáveis

Sinopse: A série “O azul da minha pele” parte de imagens de mulheres da minha família para investigar memória, identidade e negritude. Entre a fotografia em preto e branco e a aquarela em azul sobre tecido, surge uma fusão que não apenas sobrepõe retratos, mas cria um território simbólico onde presença e ausência se encontram. Nesse espaço de atravessamentos, o corpo se torna arquivo vivo e a cor azul se faz linguagem para falar de histórias e pertencimentos.









Ladrilhos (cerâmica branca)

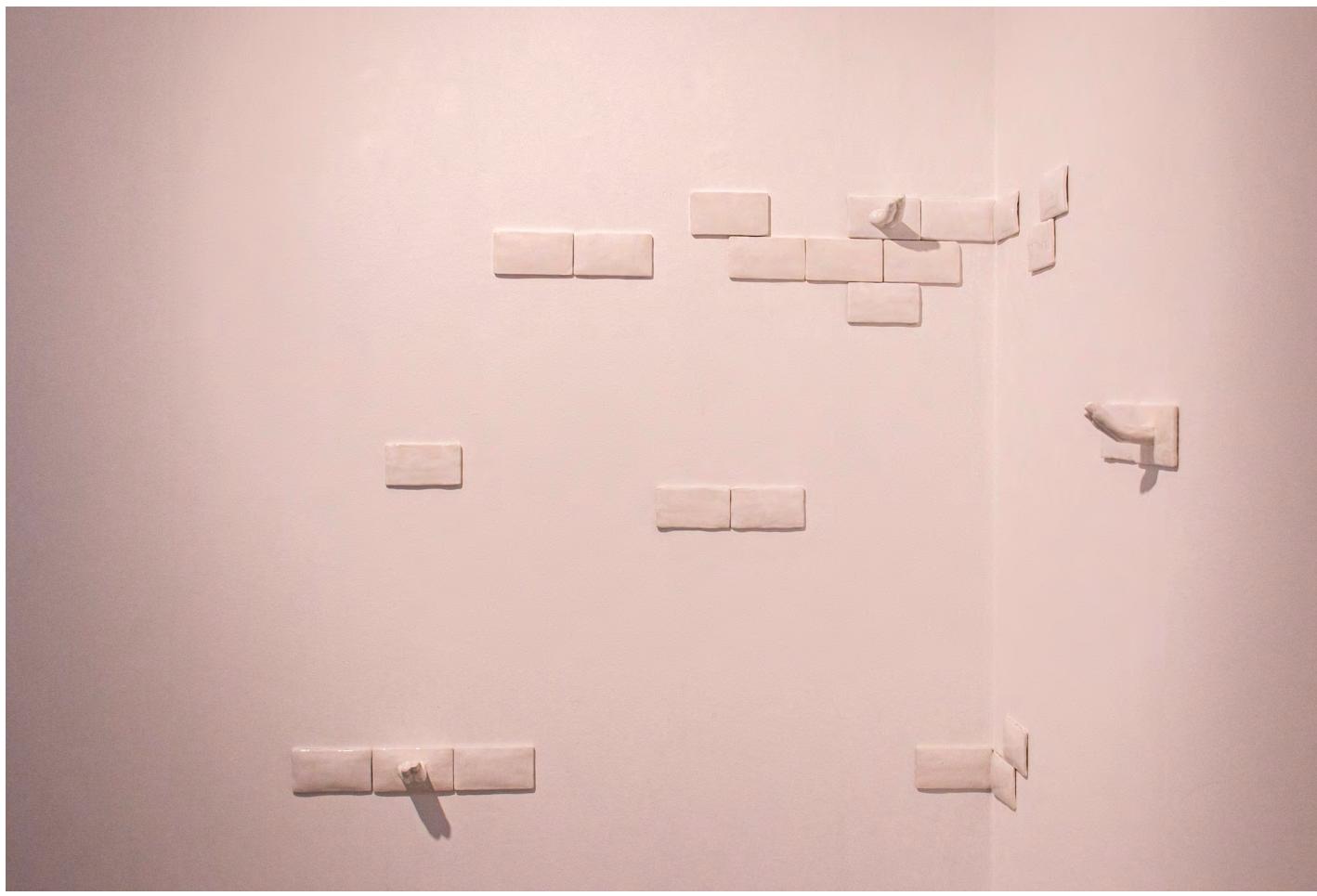
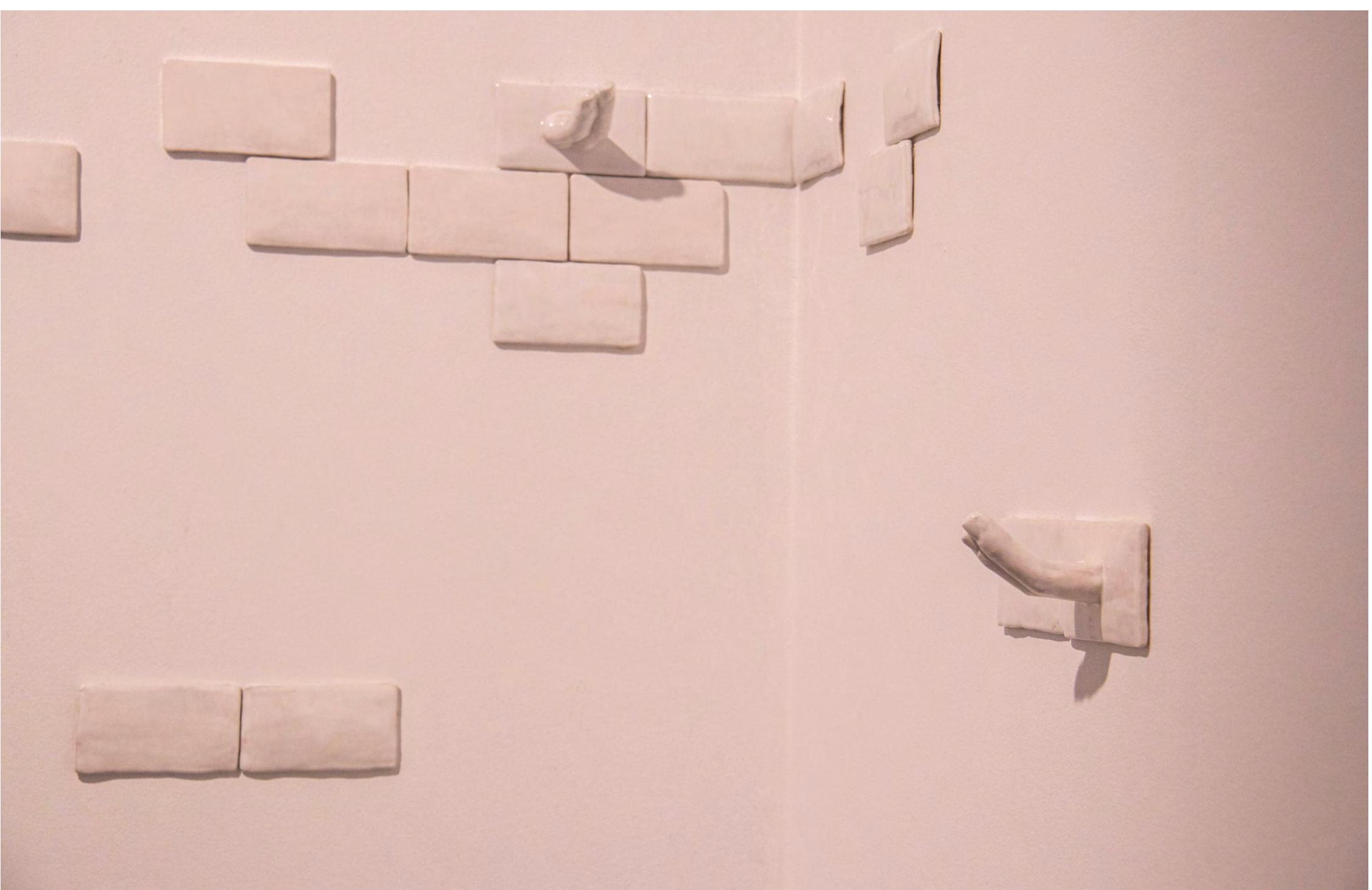
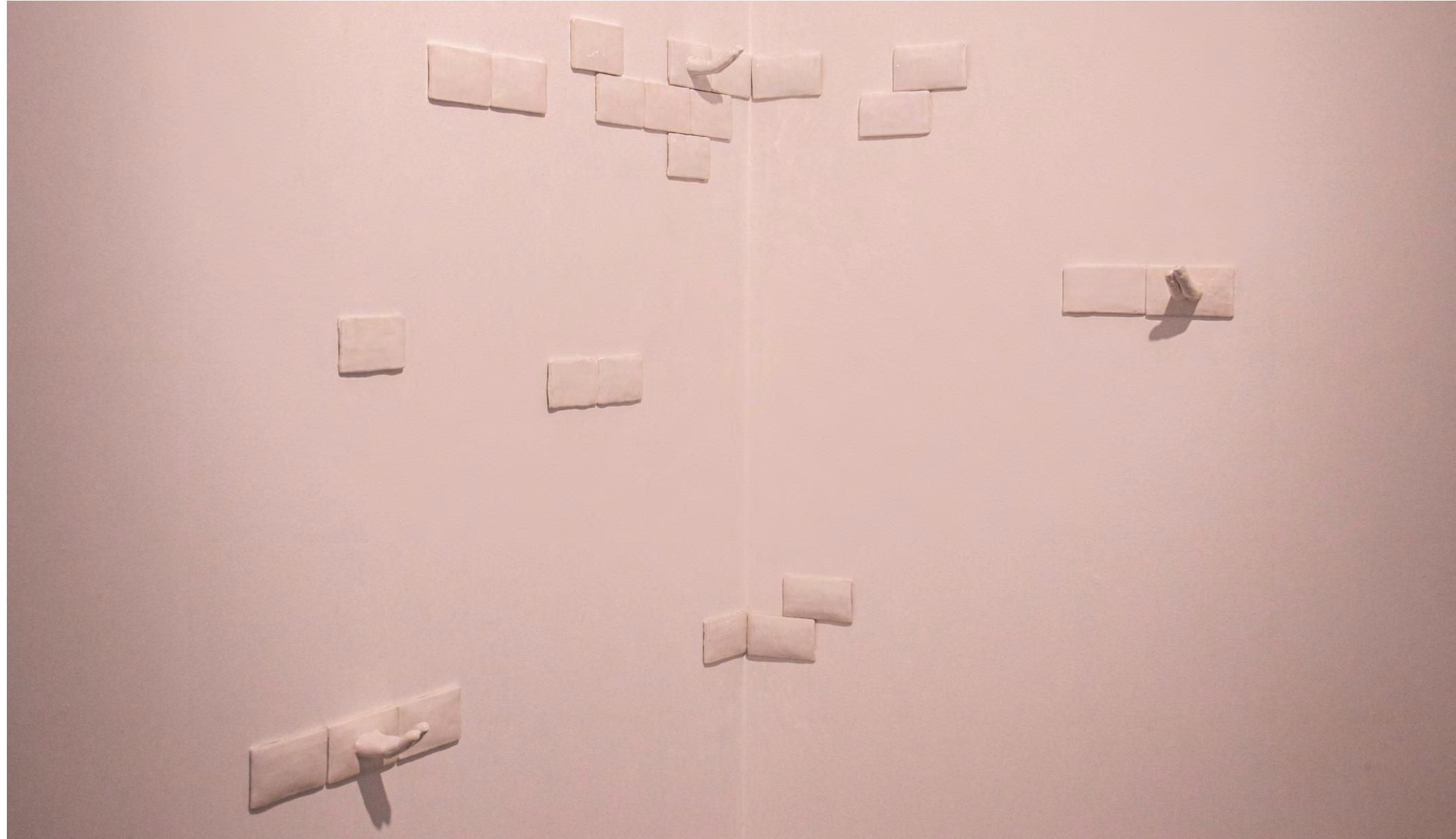
2023

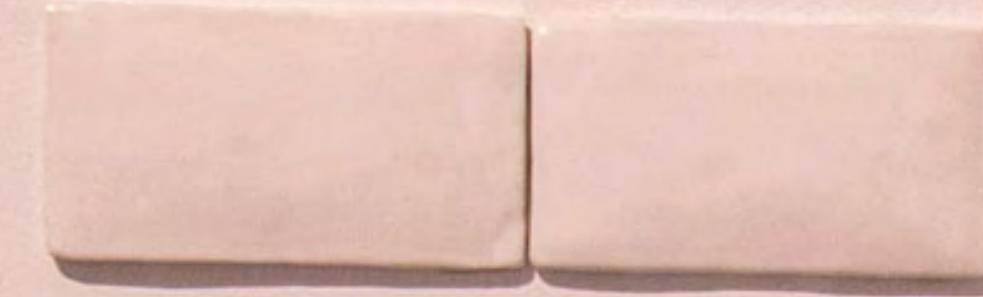
Isabela Picheth

Técnica: Cerâmica

Dimensões: Dimensões variáveis

Sinopse: O trabalho “Ladrilhos (cerâmica branca)” é parte de uma pesquisa na qual são desenvolvidas peças em cerâmica, que constroem diálogos entre o espaço da casa e do corpo da artista. Este trabalho é composto por pequenas peças retangulares que remetem a ladrilhos, dentre os quais três deles possuem dois dedos levemente flexionados para cima - resultado do molde do corpo da artista - intercalados com vazios entre outras peças lisas. O trabalho a partir desse diálogo com a casa cria certas fricções do corpo com o ambiente doméstico, suscitando uma certa suspensão, a qual abre para interpretações e reverberações para o espectador, que podem transitar entre a própria sexualidade que o corpo evoca, até as memórias que o espaço da casa trazem.





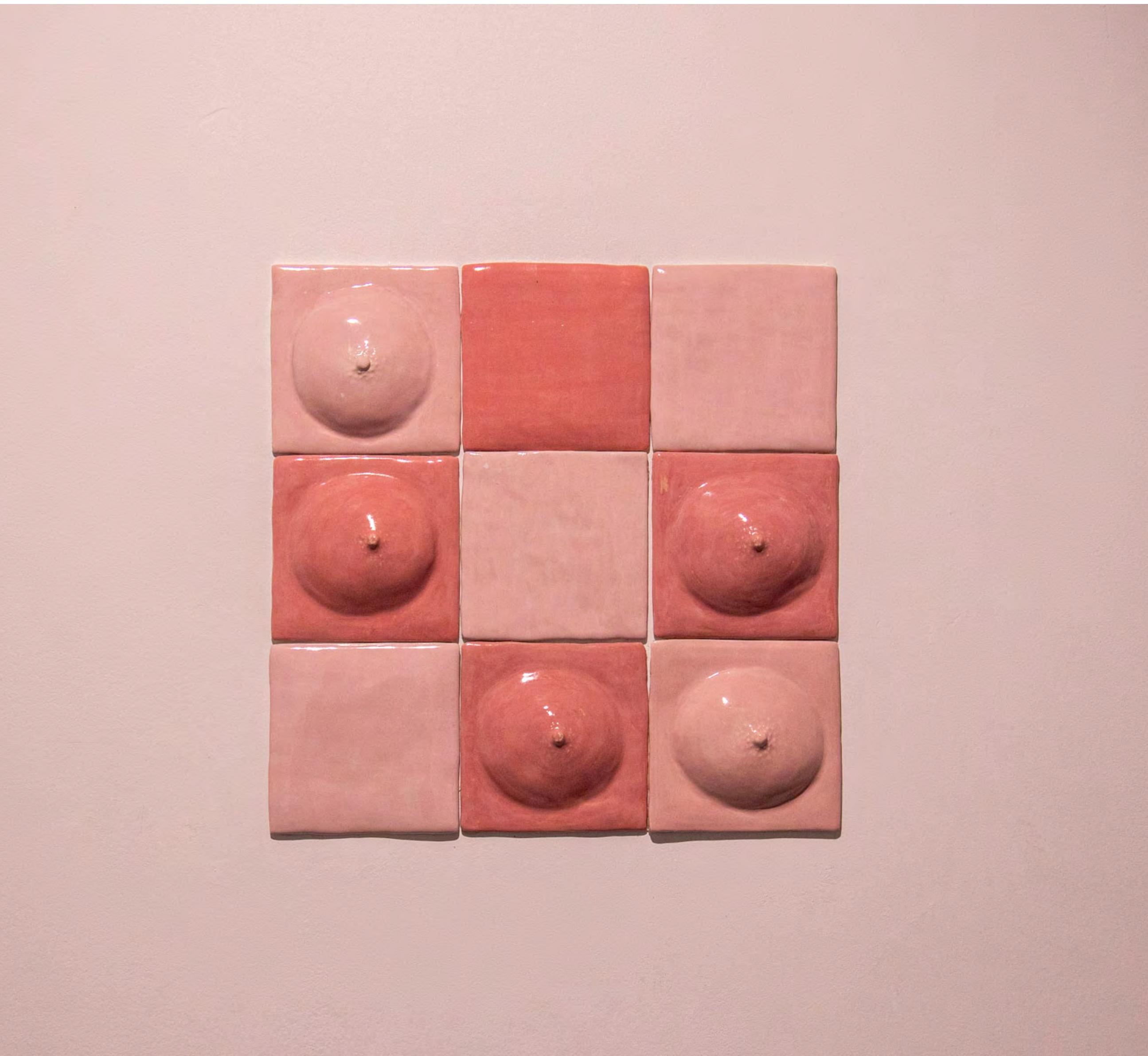
3²
2024

Isabela Picheth

Técnica: Cerâmica

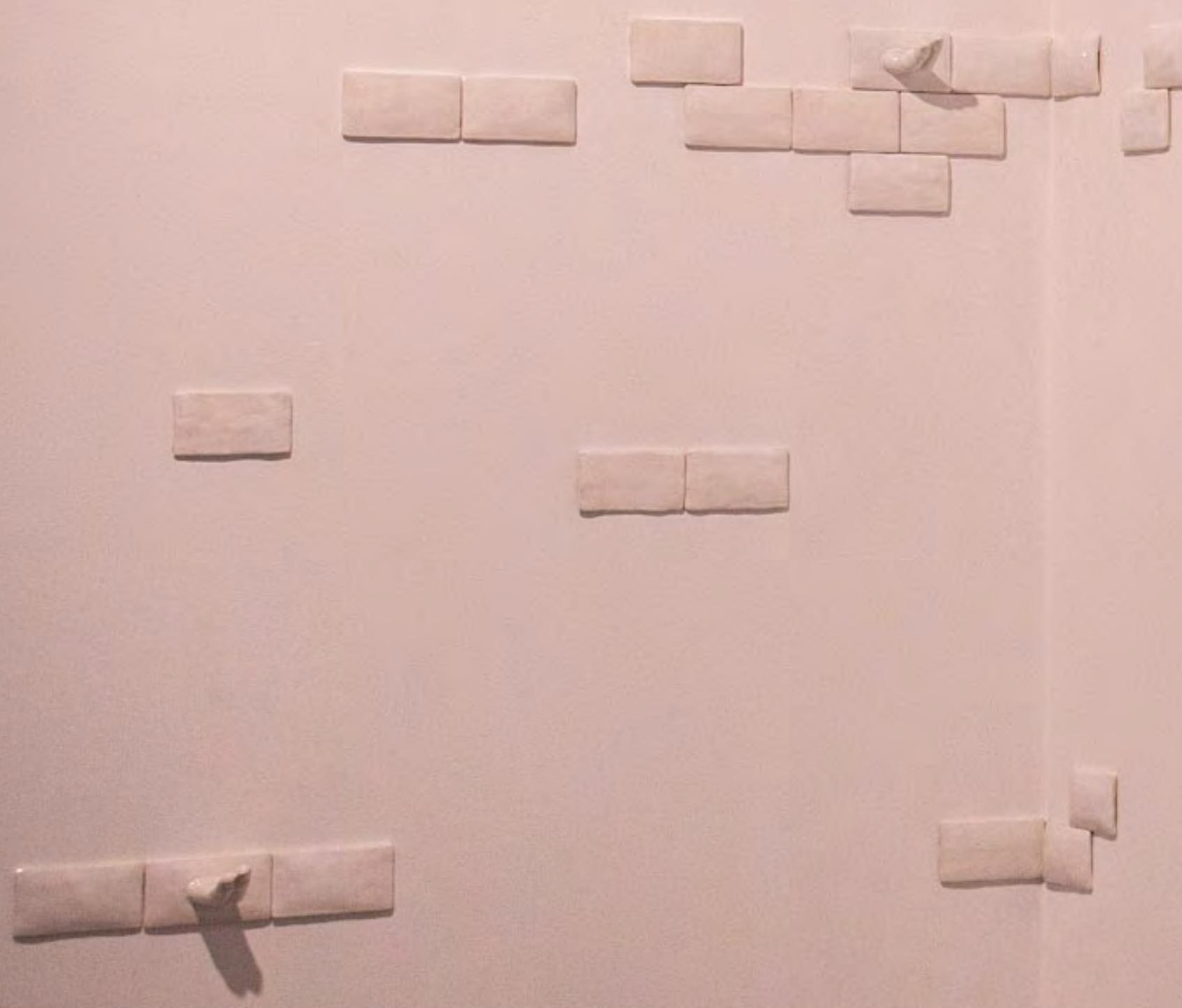
Dimensões: 40x40x40 cm

Sinopse: O trabalho “3²” é constituído por nove ladrilhos de cerâmica dispostos na forma de um quadrado. Nessa composição há dois tons de rosa que estão intercalados, os quais respeitam uma aparente sequência lógica. Contudo, a presença de cinco desses ladrilhos com seios sobressalentes - resultantes do molde do corpo da artista - tensionam essa proposição pela ausência de uma mesma racionalidade sequencial a eles aplicada. Nesse sentido, o trabalho “3²” se apresenta como um problema que a princípio teria uma resposta racional no próprio trabalho, mas é quebrada pela irracionalidade compositiva das peças em alto relevo.









Língua de Fogo

Série, 2022-2023

Monique Burigo

Técnica: fotografias digitais impressas em papel fineart, com moldura preta

Dimensões: 44,06 x 32,06

Sinopse: Percebo minhas muitas línguas, domesticadas ao longo do tempo, exceto uma: a Língua de Fogo, que emergiu como febre e me levou a criar, em 2021, um projeto de foto-performance e entrevistas com mulheres da minha família, o qual seguiu se desdobrando em outros formatos, como vídeo, livro de artista e performance. Entre memórias, silêncios e vozes, buscamos romper opressões e alimentar juntas uma fogueira coletiva. Fabulamos futuros possíveis, enraizadas no passado e nas histórias das mulheres que vieram antes. As fotografias são parte da série de foto-performances criadas como resposta às memórias evocadas durante conversas feitas com mulheres da minha família, como uma forma de trazer para o corpo aquilo que não se pôde ou que não se quis dizer em palavras. São fotografias digitais realizadas nas casas das participantes.





Língua de Fogo

Série, 2023

Monique Burigo
Livro de artista + Cartaz:

Sinopse: O livro é uma extensão das foto-performances realizadas com as mulheres da minha família, no qual junto todas as participantes, formando uma enorme língua. O cartaz apresenta uma foto-performance minha com o livro Língua de Fogo, que se transforma em uma grande língua na qual estão impressas as foto-performances.

Ficha Técnica:

Livro Língua de Fogo
14cmx9cm (fechado)

Fotoperformance com o livro Língua de Fogo
Fotografia digital em cartaz colorido
29x42cm





MANIFESTAÇÃO
Obra Manipulável





Línguas de Fogo

Florianópolis /SC,
2025

Monique Burigo

Técnica: Vídeo

Duração: 21'20"

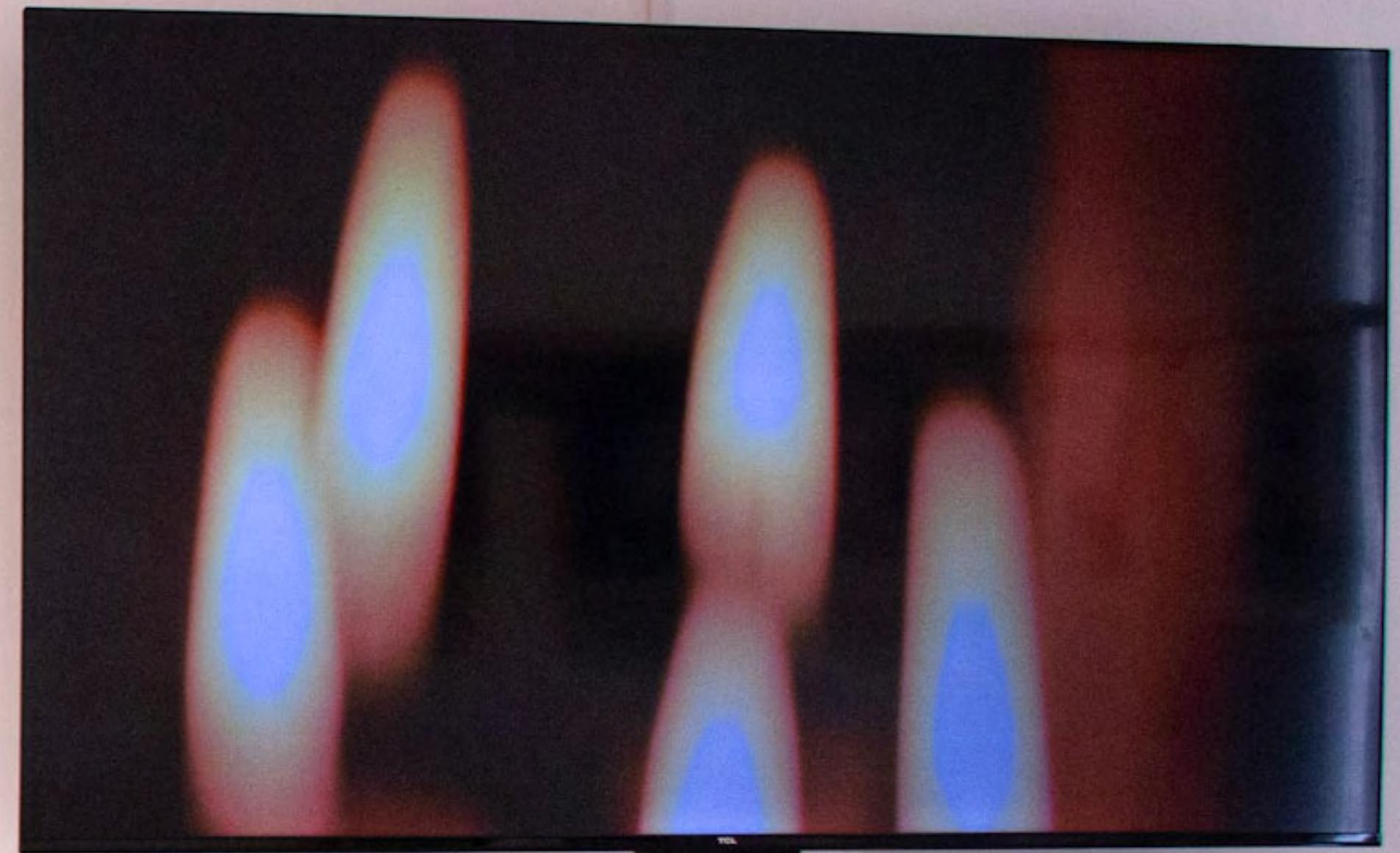
Acesso: [Vídeo da série Língua de Fogo](#)

Sinopse: O vídeo consiste em um compilado de breves vídeo performances em que interajo com as velas já usadas por outras participantes do projeto, compartilhando silenciosamente minhas próprias memórias e experiências.

Este vídeo é intercalado por trechos de áudios gravados durante entrevistas.







Miragem

série, 2022

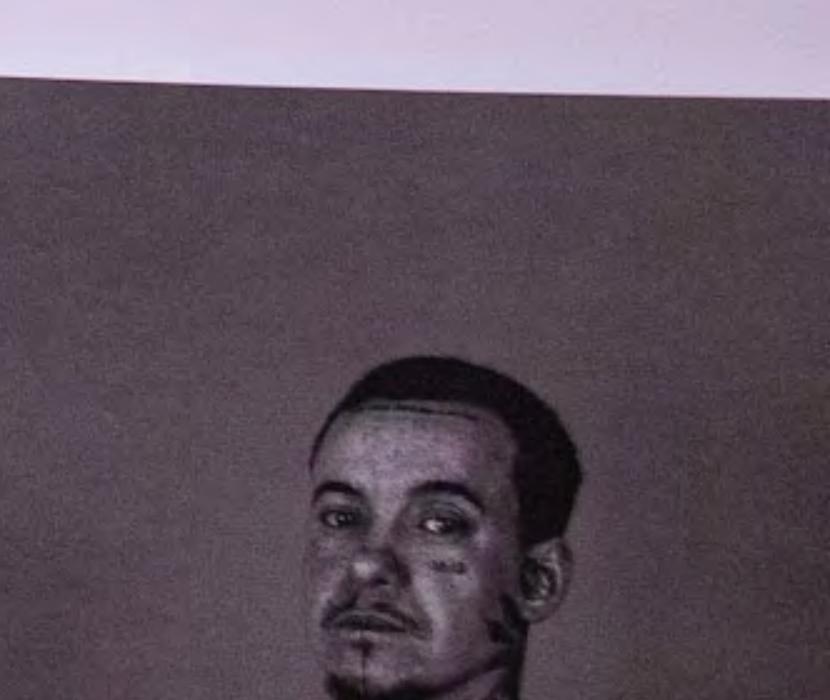
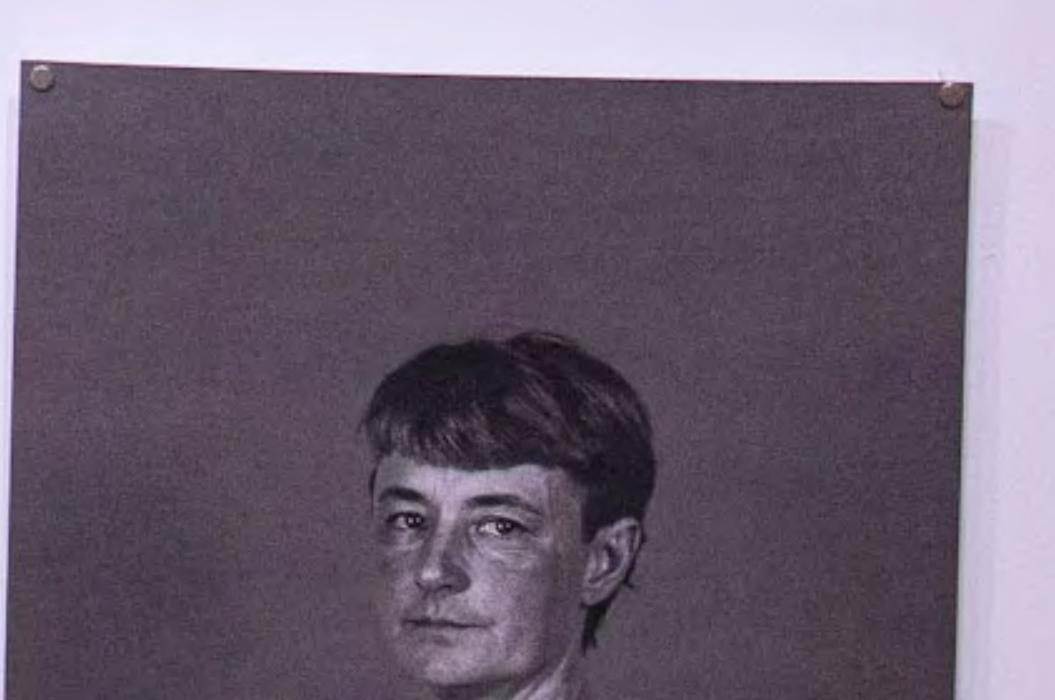
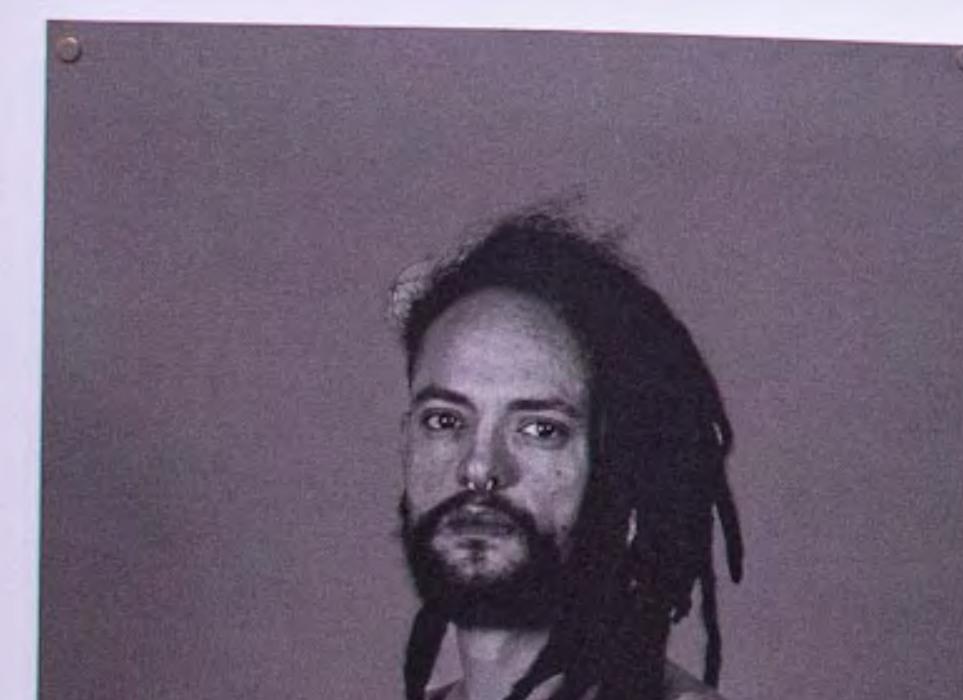
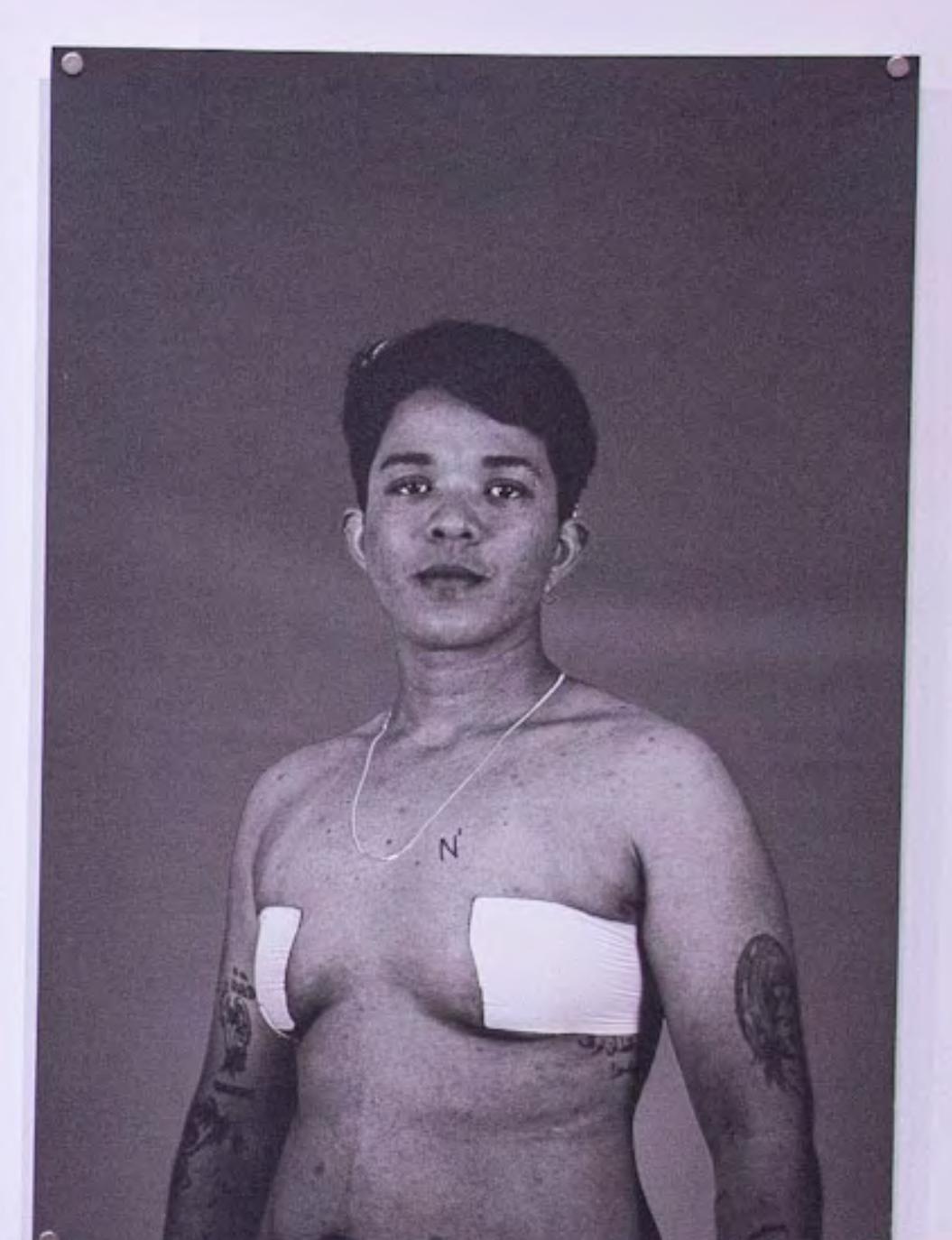
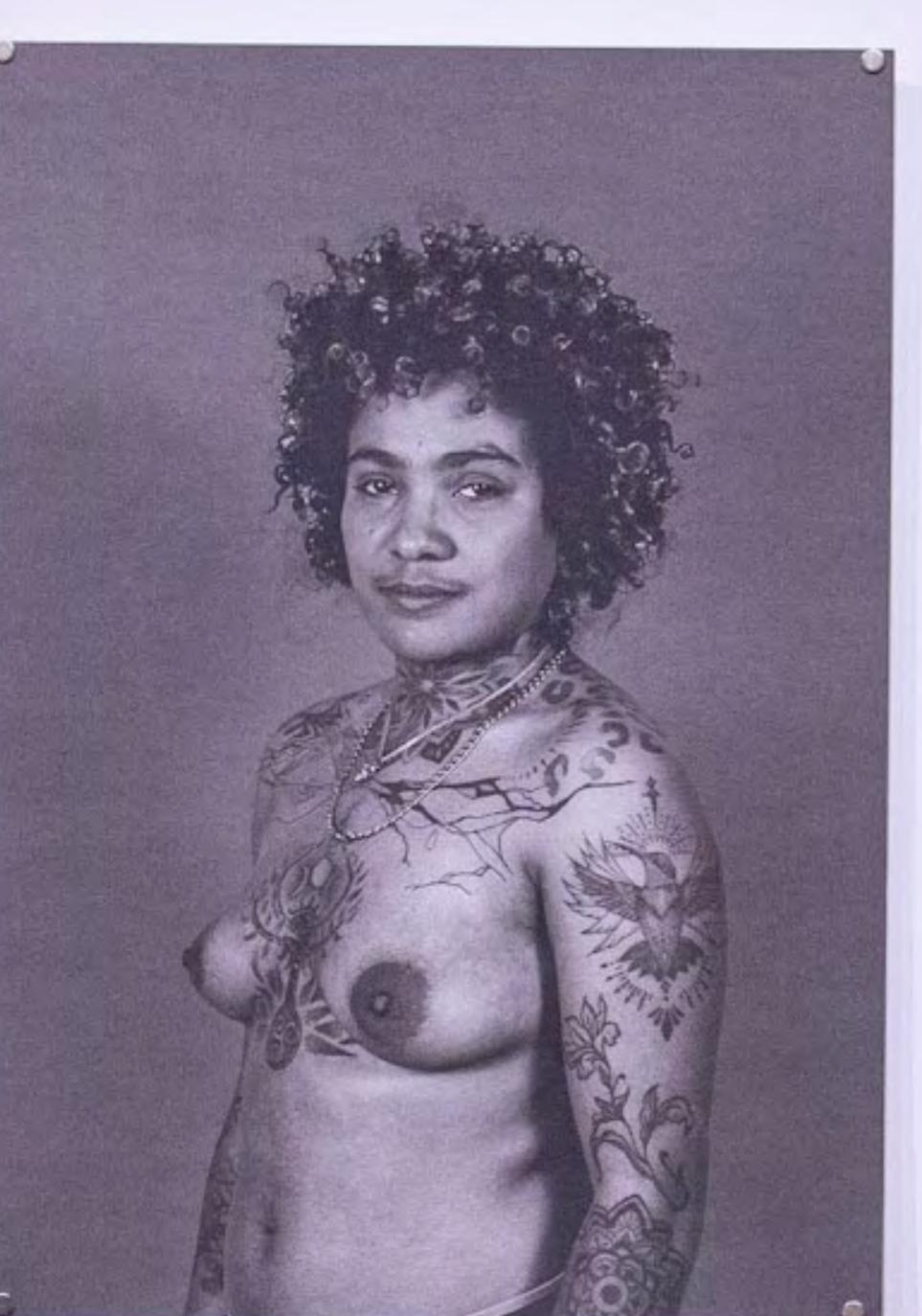
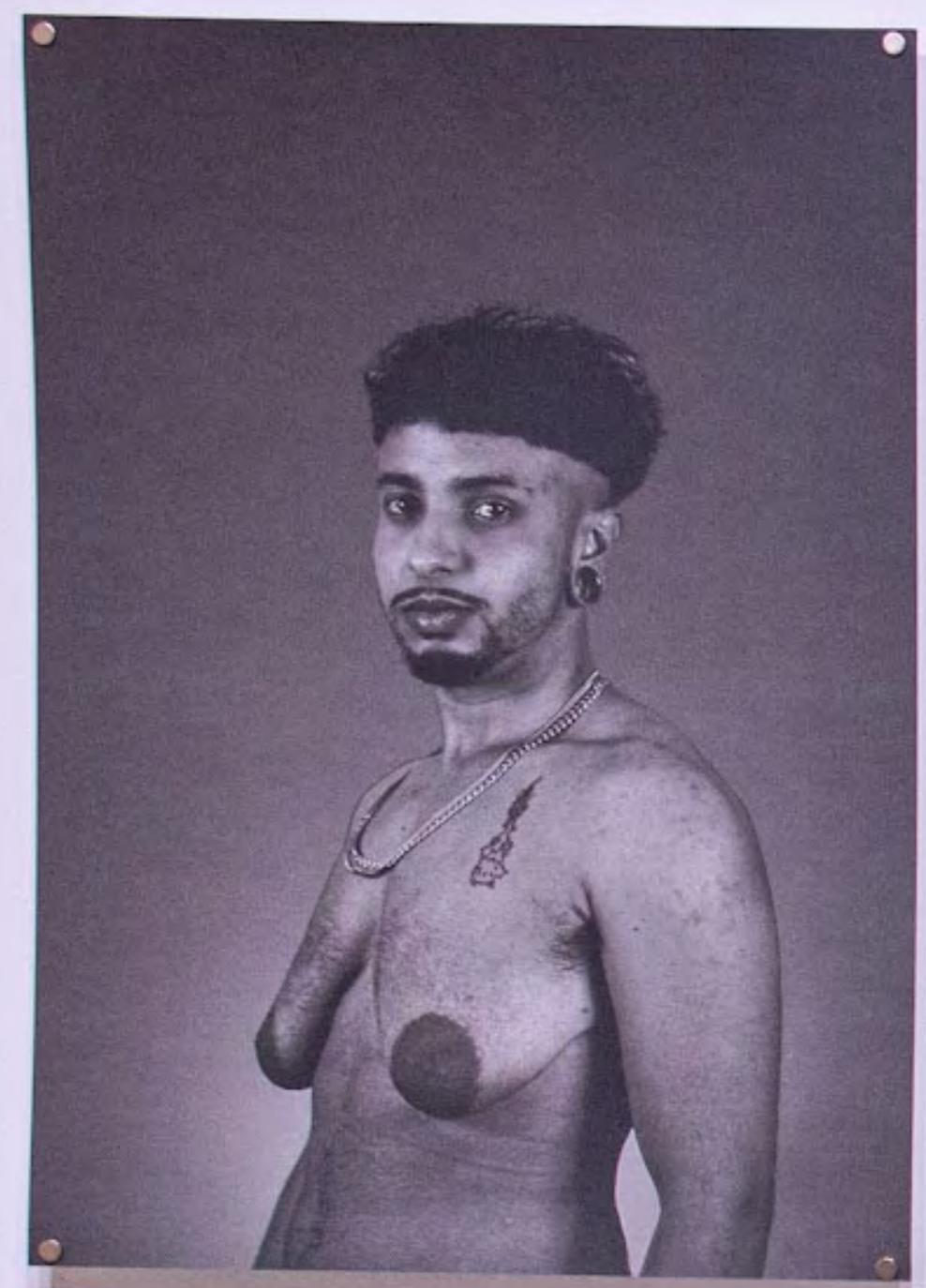
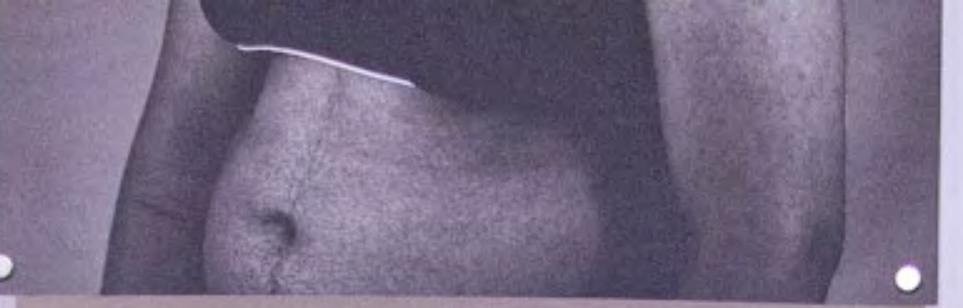
ciber_org

Técnica: Fotografia

Dimensões: 12 fotografias, 60x42x4cm

Sinopse: A serie Miragem reúne 15 retratos de pessoas transmasculinas - homens-trans, não-bináries, boycetas, lesbichas, gênero fluido, sapatransmasculinas, travos, bofes, transmasc - de diferentes classes, raças, territórios, idades, credos, orientações sexuais. De torso nu, em preto e branco, sobre um fundo liso, seus olhares retornam ao espectador, convidando-o a confrontar cicatrizes, fitas tape, binders, seios peludos, mamilos costurados, barbas em formação. São imagens que afirmam presenças - vivas apesar das estatísticas -, corpos expostos de peito aberto ao escrutínio da vista.

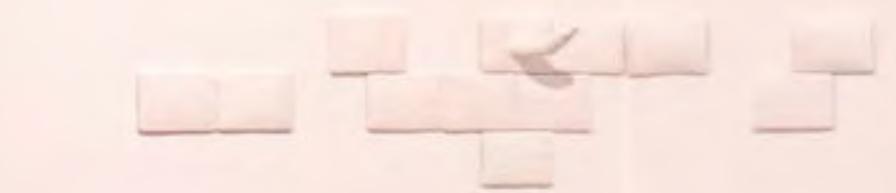
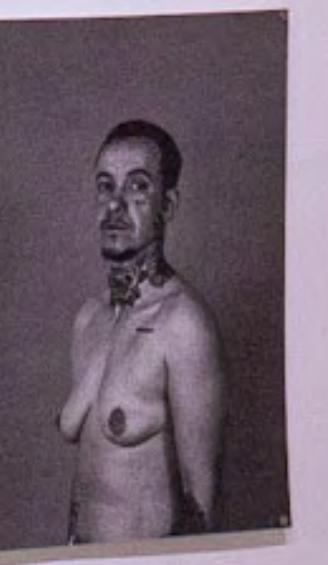
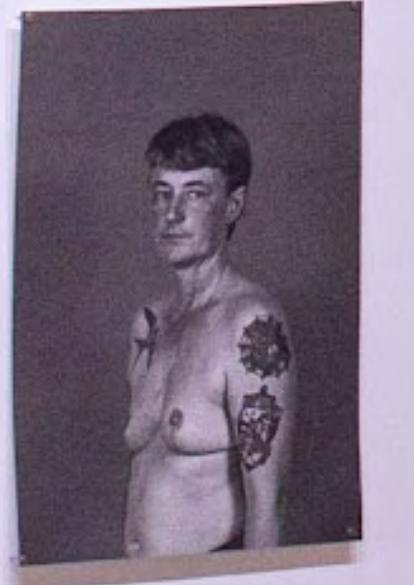
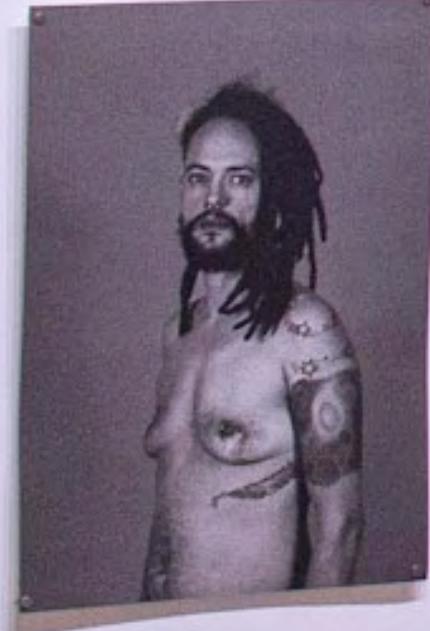
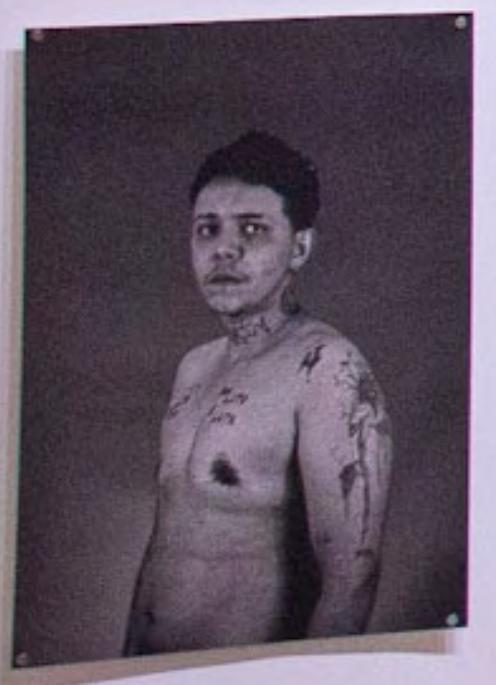
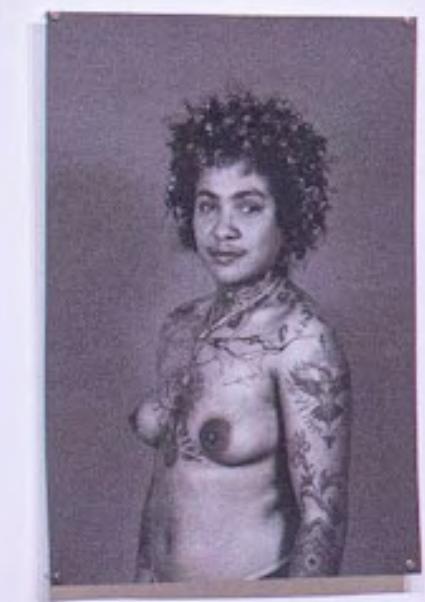
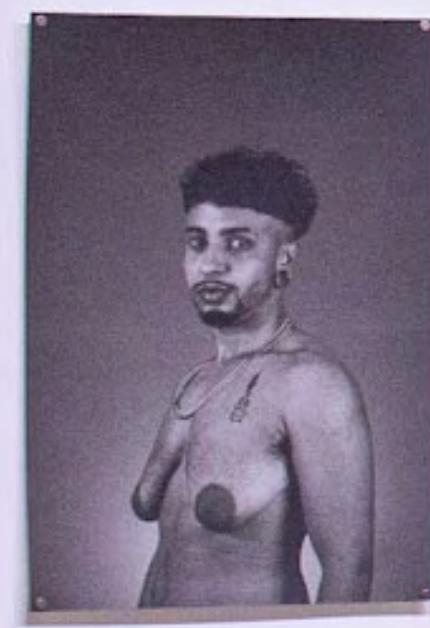
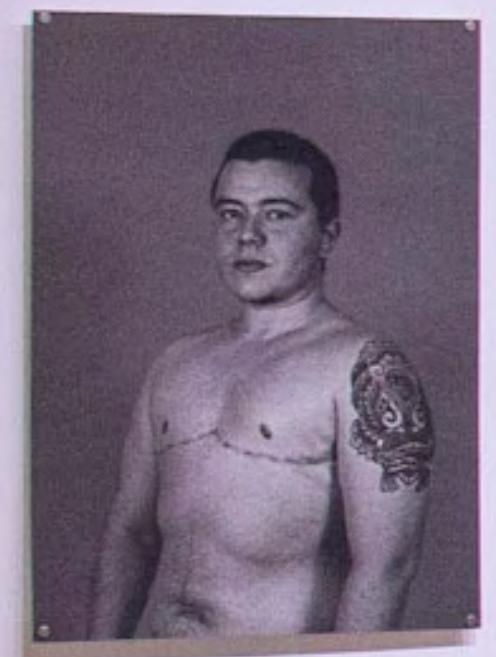
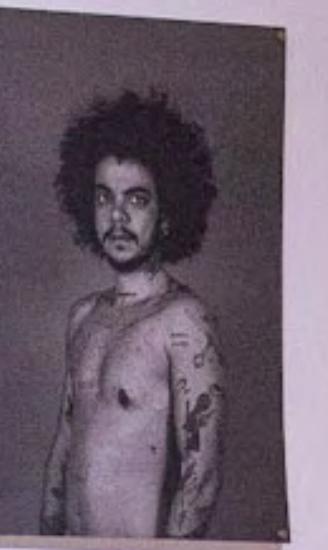
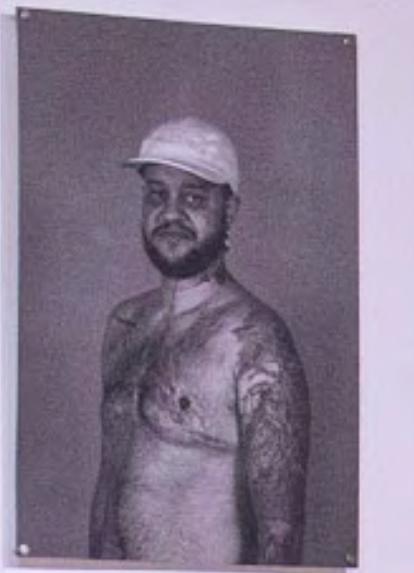
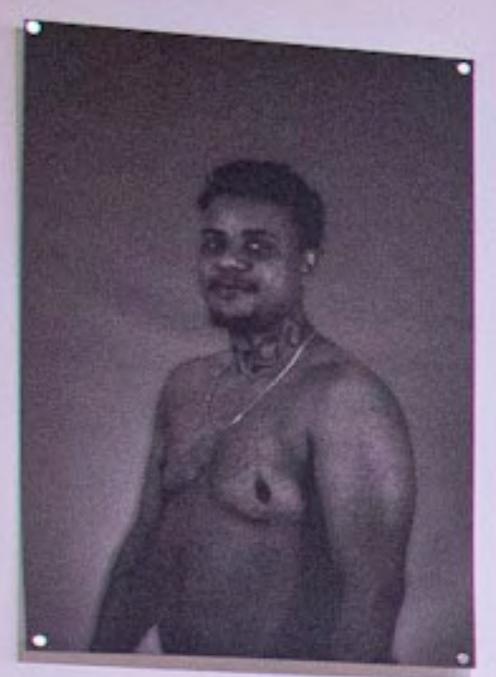




~~AGORÄ~~
AGORA

CEREMONIES





Artistas Participantes



ciber_org

Investiga a construção da identidade no século XXI, operando triangulações imagético-conceituais que enviesam, borram e suspendem as fronteiras entre real x virtual, online x offline, homem x mulher, humano x máquina. Enquanto artista transmídia, apresenta obras em diversas linguagens, como vídeo arte, instalação, realidade aumentada, escultura, e performance conectada à internet.



Dalva França de Assis

É mulher preta e periférica nascida na cidade de Mauá/SP. Artista urbana, professora, mestre em Artes Visuais na linha de Processos Artísticos Contemporâneos pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UDESC e doutoranda na mesma linha de ensino. Pesquisa sobre racismo estrutural e cura das feridas coloniais na sociedade afrodescendente.



Damiana Bregalda

É artista, curadora, antropóloga e pesquisadora. Pós-doutoranda em Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina, doutora em Artes pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mestre em Antropologia Social e Bacharel em Ciências Sociais pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Desenvolve trabalhos nas linguagens da performance, fotografia, foto e vídeo-performance, destacando-se a relação entre corpo, território, tempo e palavra.

Artistas Participantes



Eva Lacerda

É Pesquisadora, artista visual e professora. Graduada em Artes Visuais pela Universidade Estadual de Maringá (UEM) - 2016, é mestre em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE) da UEM (2018). Doutoranda em Processos Artísticos Contemporâneos pelo Programa de Pós Graduação em Artes Visuais da UDESC e professora no curso de Artes Visuais da UEM. Ganhadora do Prêmio Aniceto Matti 2019 e 2021 e do Salão Levino Fanzeres (2022).



Geórgia Mendes

É cearense, artista visual e mestre em Artes Visuais pela linha de Processos Artísticos Contemporâneos do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UDESC. Sua pesquisa artística se concentra nas interseções entre arte e feminismo, com foco nas contribuições de artistas visuais nordestinas. Através da prática poética, explora questões autobiogeográficas, estabelecendo conexões com o lugar e com outras artistas.



Isabela Picheth

É artista visual, professora e pesquisadora. Vem pesquisando o corpo dentro do recorte escultórico, produzindo peças a partir do molde do próprio corpo há 8 anos. É doutoranda em artes visuais pelo PPGAV na UDESC, mestra em artes pela FAP/UNESPAR (2023) e graduada em Superior de Pintura pela EMBAP/ UNESPAR (2019). A artista é membro do coletivo de artistas e Ponto de Cultura Grupo Em-cadeia desde 2019.

Artistas Participantes



Kamile Hannah Freire

É graduanda em Artes Visuais na Universidade do Estado de Santa Catarina. Transita nos meios das artes e da dança e hoje traz em sua pesquisa questões de negritude, de gênero e autobiográficas conectando sua história de vida com descobertas da história de sua família.



Lívia Auler

É artista visual, pesquisadora e doutoranda em Artes Visuais na UDESC. Concluiu o mestrado na linha de História, Teoria e Crítica de Arte pela UFRGS e realizou o bacharelado em Artes Visuais na mesma instituição. Possui também graduação em Comunicação Social - Jornalismo. Desenvolve trabalhos em diferentes linguagens artísticas, entre elas a fotografia, o vídeo e a performance. Suas produções investigam, através de uma perspectiva feminista, questões autobiográficas, genealógicas e de memória.



Mariurka Maturell

É artista, curadora, professora e pesquisadora. Pós-doutoranda no Programa de Pós-graduação em Artes Visuais no CEART/UDESC (Bolsista FAPESC, 2024- Atual). Possui Pós-doutorado em História no PPGH/UDESC (Bolsista CNPQ, 2023-2024). Formada em História da Arte (2003) pela Universidade de Oriente, Cuba. Mestrado em Estudos Cubanos e do Caribe pela mesma Universidade (2015) e Doutorado em História UFSC (2021). Ganhadora do EDITAL N° 032/2024/CEART Prêmio Acadêmico NUDHA/CEART de diversidades Afro-indígenas 2024.

Artistas Participantes



Matheus Solar

É artista multimídia, fotógrafo e pesquisador. Mestre em Arte e Cultura Visual (PPGACV/UFG-2021), é doutorando na linha de pesquisa em Processos Artísticos Contemporâneos do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UDESC. Ao longo de mais de uma década, cultiva investigações em cosmopoéticas – práticas transdisciplinares que entrelaçam arte, autobiografia, cosmologia, ancestralidade e ecologia no intuito de articular modos poéticos e sensíveis de habitar e reimaginar o mundo.



Monique Burigo

É artista visual, fotógrafa e pesquisadora. Investiga memória, feminismos e os papéis de gênero através da fotografia, vídeo e performance. É doutoranda em Artes Visuais (UDESC), com período na Università di Bologna (Itália). Faz parte do coletivo Arla (Artistas Latino Americanes) desde 2021.



Silvana Macêdo

É artista visual. PhD in Fine Art, Northumbria University, UK (2003), pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação em Letras e Artes da Universidade do Estado do Amazonas, PPGLA/UEA (2023). Pesquisa feminismos contra/anti/de(s)coloniais, e o diálogo entre a arte e ecologia. Professora efetiva do Departamento de Artes Visuais, atuando nas áreas de pintura e multimeios, e no PPGAV- UDESC. Junto com a Profa. Dra. Sandra Favero, coordena o Grupo de Pesquisa Articulações Poéticas, CNPq/UDESC, e o Programa de Extensão Ações Poéticas.

Ficha Técnica

Ramas Poéticas

Grupo Ramas Poéticas e Museu Victor Meirelles

Realização

Grupo Ramas Poéticas

Direção de Produção

**ciber_org, Damiana Bregalda, Dalva França de Assis,
Eva Lacerda, Geórgia Mendes, Kamile Hannah Freire, Isabela
Picheth, Matheus Solar, Mariurka Murell Ruiz, Monique Burigo,
Lívia Auler, Silvana Macêdo**

Artistas

Silvana Macêdo

Curadoria

Flávio Bruneto

Montagem

Geórgia Mendes

Identidade Visual

Damiana Bregalda

Diálogo Institucional

Geórgia Mendes e Matheus Solar

Diagramação do Catálogo

Monique Burigo

Registros fotográficos

Ficha Técnica

Museu Victor Meirelles

Rita Matos Coitinho
Direção

Simone Rolim de Moura
Chefia de Área Técnica

Gabriela Matilde Daminelli Massotti
Chefia de Serviço Administrativo

Rafael Muniz de Moura
Museologia

Mara Lúcia Garrett de Vasconcelos
Conservação

Ticiane Bombassaro Marassi
Programa Educativo e Cultural

Cláudia Klock
Assessoria de Comunicação

Bettina Collaro
Arquitetura

Vanessa Neunzig
Biblioteca Alcídio Mafra de Souza

Gabriela Matilde Daminelli Massotti
Norma Regina Coutinho Rocha
Mariana Machado Laplace
Administrativo

Gustavo Henrique Scheidt
Estagiário

Minister
Vigilância

Galahad
Recepção

Grupo AEON
Serviços gerais

Territórios da Memória

museu Victor Meirelles



ibram instituto brasileiro de
museus

MINISTÉRIO DA
CULTURA

GOVERNO DO
BRASIL
DO LADO DO POVO BRASILEIRO